

O Amor nos anos 80

APRESENTAÇÃO

Este texto faz parte do meu empenho atual de rever alguns conceitos acerca do amor, principalmente os que eu mesmo desenvolvi há uns dez anos atrás. Nossos tempos nos permitem viver e observar processos em rápida mudança, de modo que dez anos provavelmente equivalem a um século para os tempos de antigamente. Novos dados nos permitem percepções mais sutis e importantes acréscimos de conhecimento, de modo a podermos, cada vez mais, nos aproximar de um modo de vida novo, gratificante e atraente.

Os quinze capítulos que constituem a essência deste livro foram escritos inicialmente para a publicação mensal na revista AROUND, de São Paulo. Acrescentei uma série de notas esclarecedoras de alguns dos aspectos mais delicados neles tratados, e que foram colocadas no final, justamente porque penso que elas interromperiam o ritmo e a seqüência do pensamento do texto principal; desta forma, sugiro que sua leitura seja feita num momento posterior.

Acredito que desde o fim da segunda guerra mundial existem sinais de que vivemos um certo descompasso entre os avanços tecnológicos e a forma como continuamos a nos relacionar uns com os outros e com o mundo físico totalmente modificado por nós mesmos. Os sinais objetivos desta discrepância consistem numa crescente insatisfação e inquietação, justamente quando as condições objetivas de um significativo segmento da população (especialmente dos países mais desenvolvidos) melhoraram muito. Dos existencialistas na França, que constituíram a primeira manifestação mais evidente desta necessidade de nova adaptação, desembocamos nos vários movimentos revolucionários que caracterizaram os anos 60.

Acredito que uma boa dose de ingenuidade acerca das dificuldades humanas de adaptação a condições novas de vida, além de uma certa

precipitação e irreflexão, foram os ingredientes que conduziram estas importantes experiências ao fracasso. E o fracasso trouxe consigo uma natural tendência conservadora, ou seja, a usual atitude de voltarmos para os padrões conhecidos, ainda que muito insatisfatórios. E os anos 70 foram, a meu ver, deste tipo, sendo que o consumismo desenfreado foi a manifestação mais evidente da década, também marcada por uma pobreza cultural e artística bastante evidente.

A verdade é que as frustrações continuam e não acredito que a chama daquilo que se esboçou nos anos 60 tenha se apagado, do mesmo modo que não acredito que "o sonho acabou". Após a derrota inicial as pessoas se apaziguam, ficam quietas, como que a acumular novas forças e novos conhecimentos para que se possa, de novo tentar vencer o obstáculo, agora com maiores chances de sucesso. A verdade é que a revolução de costumes está em curso. Me parece também muito importante registrar que não são os livros e os teóricos os que a determinam, pois elas são o sub-produto do próprio progresso tecnológico, sendo curioso que os que mais se opõem às alterações do modo de vida são justamente os maiores amantes do desenvolvimento da ciência e de seus desdobramentos práticos. Os escritos e os discursos podem, no máximo, alertar as pessoas para o que está acontecendo, além de sugerir soluções para certos dilemas novos que foram criados ou detectados na realidade objetiva.

Se os movimentos desencadeados há vinte anos eram juvenis e sem bases sólidas, acredito que as coisas agora são para valer, pois neste período muitos dados puderam ser recolhidos, além do fato - fundamental - da insatisfação ter crescido ainda mais. Fugir dos nossos antigos hábitos de viver e de pensar nos provoca medo e desproteção; porém, persistir neles nos tem causado uma brutal frustração. Quando esta última se torna mais forte, somos forçados a partir para a busca de novos caminhos apesar de todo o pavor que isto possa nos provocar. E é neste ponto que nos encontramos, segundo acredito, no que diz respeito às questões do amor e do casamento.

Não acredito que nos seja de valia encobrirmos nossos medos do que é novo através de racionalizações de todo o tipo, principalmente aquela que se

manifesta como crítica maldosa e desqualificadora das novas propostas. Não creio que seja sábio tentarmos navegar contra a correnteza; melhor será tratarmos de nos beneficiar das vantagens da nova época, além de aprendermos a nos defender de suas inevitáveis peculiaridades nocivas. O que se segue é a minha maneira de descrever e interpretar a questão do amor em nossa época; pode conter todo o tipo de equívoco, mas não padece dos males da hipocrisia e da insinceridade.

São Paulo, julho de 1984.

I. OS HOMENS NÃO SABEM PARA ONDE VÃO

E com prazer e também com certo constrangimento que inicio esta série de quinze textos sobre o amor nos tempos atuais, suas dificuldades e perspectivas. O prazer derivado fato de ser este um dos meus temas preferidos e o constrangimento pela necessidade - imposta pelo compromisso que tenho de sinceridade e busca da verdade que jamais será alcançada - de modificar uma série de pontos de vista pelos quais muito me bati há poucos anos atrás. Mas é este o processo pelo qual passamos de modo inexorável, com maior rapidez nas últimas décadas: os conceitos se estabelecem, depois se mostram insatisfatórios para explicar os fatos novos observáveis e caem por terra; deixam um vazio que deverá ser ocupado por novas idéias mais abrangentes e que depois terão o mesmo destino.

A história do homem na Terra está relacionada, entre outros fatores, essencialmente com o seu esforço de dominar a natureza. Nossa espécie não foi dotada de equipamentos naturais para sobreviver com facilidade neste planeta; não tinha condições, por exemplo, de suportar climas mais frios a não ser que fosse capaz de inventar algum tipo de proteção para o seu corpo de poucos pêlos. Nascemos, é verdade, dotados de um cérebro bastante privilegiado por comparação com os outros mamíferos e a ele tivemos que

recorrer no intuito de modificarmos as condições do meio ambiente para que pudessemos sobreviver. Inventamos vestimentas, casas, calçados. Descobrimos os meios naturais de reprodução dos vegetais e animais e pudemos ter cultivos sistemáticos de cereais e frutas, assim como rebanhos de animais confinados, condição importante para a alimentação de grupos humanos cada vez maiores.

O processo continua a ser o mesmo até os dias de hoje: com a finalidade de tornar nossas vidas mais agradáveis e mais longas, cérebros privilegiados exercem sua também espontânea curiosidade de compreender os processos da natureza e da vida e descobrem novas propriedades ou novos processos. Estes, devidamente aprimorados, passam a ser produzidos em escalas crescentes, até que podem ser acessíveis a grandes camadas de uma dada população. E a modificação do meio ambiente se dá pelo surgimento de novas técnicas ou objetos criados e multiplicados pelo homem; o que nossos olhos vêem hoje, vivendo numa grande cidade, não tem nada a ver com o que era o planeta originariamente. E as crianças que agora nascem nelas têm que se adaptar a esta realidade altamente modificada pelos seus antepassados.

O homem modificando a natureza e depois se adaptando ao novo meio por ele criado foi o que sempre aconteceu, ainda que de modo lento e gradual. As novas aquisições suas conseqüências se davam ao longo de séculos, durante a vida de dezenas de gerações. Tudo andava muito devagar e apenas ínfimas parcelas da população possuíam mais do que o necessário para a sobrevivência física; a grande maioria lutava de sol a sol para ver se conseguia os meios mínimos de resolução das necessidades do corpo, sendo que muitos não sucediam nem nisto e morriam prematuramente. As coisas iam assim até o fim do século passado, quando novas descobertas desencadearam um processo de mudanças numa velocidade surpreendente. Diz-se que o meio físico se modificou mais entre 1900 e 1970 do que entre a idade da pedra e 1900.

Do mundo de cem anos atrás, com casas precariamente iluminadas por lampiões, fogões a lenha, transporte a cavalo, onde o lazer era a leitura - obviamente para poucos - e a música se alguém soubesse tocar algum

instrumento, passamos para os nossos tempos, com o rádio, a vitrola, a televisão, o automóvel, o avião e agora também os computadores. É difícil imaginar que a vida doméstica, especialmente no que diz respeito às relações entre os membros da família, pudesse ser a mesma: que reúnam todos a mesma hora para o jantar, que fiquem juntos para alguma atividade em comum após a refeição, que se deitem todos a mesma hora, que se levantem juntos, se encaminhem para seus afazeres próprios e voltem a se reunir de novo no fim da tarde. Assim se viveu por séculos e assim fomos ensinados a achar que era o modo certo de viver; aspiramos por isso e nos decepçionamos ao perceber que tal não ocorre mais. Nos irritamos muito porque nos percebemos frustrados em nossas supostas expectativas.

Resistimos à adaptação à nova realidade que nós mesmos criamos; e mais, assim se procedeu com o intuito de melhorar a qualidade de vida das pessoas, para que finalmente pudessem ter uma vida mais prazerosa. Deste modo, resistimos a uma condição melhor de vida. E isto por duas razões: somos incrivelmente limitados na nossa capacidade de adaptação por causa dos condicionamentos culturais aos quais estivemos submetidos no processo de educação; e também por que tudo é faca de dois gumes e somos obrigados a constatar que as mudanças têm também conotações desfavoráveis. Não podemos mais desfrutar da agradável sensação de aconchego derivada de se ter na mesa, juntas, todas as pessoas queridas, a não ser em condições excepcionais e previamente marcadas. Isto porque a multiplicidade de alternativas de ocupação é muito grande, fruto das novas máquinas que nós mesmos inventamos. Será mera coincidência toda uma família ter interesse em assistir a um mesmo programa de televisão, de modo que sua existência nos faz a vida mais prazerosa e divertida mas ao mesmo tempo mais solitária, menos aconchegada (amparada). E alguém sabia disto quando se inventou a televisão? Foram previstas todas as suas conseqüências sobre a vida de cada cidadão e sobre as relações humanas mais importantes? Não creio, a não ser de modo muito vago e obscuro (1) (*). Interesses econômicos ligados à produção de bens de consumo de há muito prevalecem sobre qualquer tipo de ponderação humanista e sobre as peculiaridades emocionais das pessoas.

(*) As notas foram agrupadas na parte final do livro, com a finalidade de não interromper a continuidade e a seqüência da reflexão aqui desenvolvida.

Desta forma, somos atropelados pelas novas alterações do meio e obrigados a elas nos adaptar, ainda que com enorme resistência derivada dos nossos condicionamentos. Nos irritamos com o fato dos nossos filhos não saberem mais a tabuada de cor, mas fomos nós que lhes demos as calculadoras. Não suportamos saber que nossas filhas têm vida sexual com seus namorados, nós que lhes demos as pílulas anticoncepcionais. Nos frustramos com o individualismo que substitui a família mais gregária e coesa, nós que inventamos os cinemas, as motocicletas, os bares, restaurantes e boates. Queremos certos progressos, às vezes fazemos fortuna por causa deles, e ao mesmo tempo gostaríamos que nossa vida psíquica e nossos vínculos afetivos e sexuais permanecessem como o foram por milênios. Quanta ilusão!

Não creio que seja prudente continuar a pensar desta forma, sob pena de nos impormos mais severas frustrações. Acho mais atraente nos apropriarmos dos mecanismos do processo de adaptação a novas realidades para tentarmos, ao menos em parte, saber para onde estamos indo. E não adianta lamentar as perdas, pois elas são inexoráveis. Não adianta mais sonharmos com o amor romântico como nos ensinaram os romancistas e poetas do século XIX ou como nos mostrou o cinema americano dos anos 50. Casais apaixonados, caminhando de mãos dadas, com roupas esvoaçantes, por bosques floridos em longos e ternos passeios são talvez belas lembranças de antigos ideais, mas não creio que tenham muito a ver com o mundo de hoje e o que virá. Vínculos simbióticos, os dois juntos se constituindo numa só carne, não resistem aos anseios de individualidade derivados da nova realidade. E assim, só nos resta tentar saber quais são as características das novas ligações amorosas, o que poderemos esperar delas e o que devemos fazer para nos prepararmos para elas. Isto se não quisermos ser pegos de surpresa.

II. AMOR E CASAMENTO

Um homem e uma mulher se uniram, e se unem, por desejo ou por necessidade? (2) Uma peculiaridade curiosa da nossa forma de pensar consiste em buscarmos sempre Uma única explicação para os fatos, quando deveríamos fazer exatamente o raciocínio inverso: os padrões de conduta mais estáveis costumam ser sustentados por uma multiplicidade de motivações que se somam de modo a dar mais vigor e consistência a uma dada solução para algum dilema da nossa condição. Assim, acredito que existam desejos gregários em todos nós, vontade de nos ligarmos solidamente a uma outra pessoa, assim como a grupos e nações; e mais, penso neles com absoluta autonomia em relação aos anseios sexuais, que também são fortes impulsionadores dos desejos de aproximação, ainda que talvez com menor estabilidade. E indiscutível que a família se estabeleceu também por necessidade de perpetuação da espécie; o acoplamento de um homem a uma mulher criava condições para a sobrevivência dela e da descendência deles no ambiente adverso que era próprio do mundo do passado. A superioridade muscular do homem o tornava mais apto para a sua manutenção e também para proteger sua frágil mulher, ainda mais limitada por uma prole vasta e incrivelmente dependente dela por longos anos.

Durante milênios as necessidades de sobrevivência (e também a perpetuação hereditária dos privilégios) foram o sustentáculo do casamento e da vida em família, única condição em que a atividade sexual poderia ser aceitável para a mulher, totalmente dependente de um homem que se achava no direito de exigir isto como garantia de paternidade da descendência. Não só as necessidades de perpetuação da espécie levaram os homens a viverem assim; anseios psicológicos também estavam em jogo, pois é mais prazeroso e também mais aconchegante esta condição do que o ser só. Desta forma, mesmo quando o casamento deixou de ser a única opção possível de vida, isto nas últimas décadas em virtude das mulheres já poderem se sustentar (uma vez que o trabalho braçal vem sendo cada vez mais substituído pelo intelectual, onde elas estão em igualdade de condições) e também poderem

optar entre ter filhos ou não, não assistimos a uma redução no número de ligações e nem a uma quantidade crescente de pessoas optando por viver só. Presenciamos, isto sim, ao chamado casamento por amor, por livre escolha dos jovens, o que veio substituir as alianças estabelecidas por deliberação dos adultos mais velhos, segundo os interesses das famílias em jogo.

Quando a necessidade do casamento se atenuou, ele continuou a existir, baseado agora no desejo de viver juntos próprio das pessoas que se amam. E aí assistimos a um fenômeno curioso, que é a tendência das pessoas - tanto homens como mulheres - de reproduzir os padrões de vida em comum próprios dos casamentos por necessidade; por exemplo, o homem quer continuar a ser prestigiado dentro de casa como se ele ainda fosse o "herói" que trazia o sustento indispensável para todos, além de sabotar os eventuais desejos da mulher de, apesar de esposa, continuar a exercer atividades pessoais fora de casa. O processo é, ao meu ver, bilateral, pois as mulheres também parecem voltadas para a idéia de se dedicar ao marido e aos filhos, se deixando proteger e sustentar. Desta forma, em pouco tempo o casamento que se iniciou por amor se perpetua por necessidade.

Acontece que a ligação por necessidade não tem mais sentido hoje em dia, não é verdadeira. Como ela implica em uma série de mecanismos recíprocos de dominação e de concessões, vai se tornando terrivelmente tediosa, irritante, sufocante mesmo. Uma vez que a necessidade de continuarem juntos é fictícia (os casais estão revivendo modelos caducos, apenas por causa dos condicionamentos culturais muito fortes e presentes em nós todos), quando o sufoco atinge um ponto de saturação, se separam. Necessidades psicológicas têm um importante papel no retardamento deste epílogo inevitável, pois a maioria das pessoas têm muito medo de se perceberem sozinhas, coisa que nos leva a vivenciar de modo mais claro o desamparo de nossa condição humana (3). Mas o medo não tem sido suficiente para determinar a estabilidade dos casamentos: apenas adia a separação pelo tempo necessário para as pessoas se acomodarem melhor à idéia de estarem sós.

Para as pessoas que vivem em países ricos e civilizados e para as

minorias que a elas se equiparam nos outros países, o casamento baseado em necessidades de sobrevivência é peça de museu. E se a base deste vínculo for essencialmente essa, pode-se falar com propriedade na morte da família. Porém, acho inadequada esta afirmação pois acredito que exista um desejo de se viver a dois - ao menos na maior parte das pessoas - desejo este que esteve submerso e pouco visível ao longo do tempo passado, onde a necessidade sobressaía. Desejo não é um elemento vital a ser satisfeito; só o será se for uma coisa prazerosa e se não implicar em grandes sacrifícios e concessões. Desta forma, estamos chegando, sem nos apercebermos, à era do prazer. E muitos de nós já chegou lá, sendo que podemos reconhecer isso pela menor disposição que temos para aceitar restrições às nossas vontades, a menos que estejam muito bem justificadas. Amor é o prazer gratuito da companhia de uma determinada pessoa que nos encanta. Casamento é uma série de regras que regem a vida em comum, todas elas construídas na base da relação ser necessária. Hoje em dia estas regras ofendem os direitos individuais das pessoas que já estão em condições de viver mais de acordo com a busca do prazer. Cria-se um impasse que não termina obrigatoriamente com o fim do casamento. A outra alternativa seria a modificação das regras, adequando-as a realidade dos vínculos de hoje; se isto não ocorrer, se persistirmos em nos deixarmos governar por condicionamentos já caducos, teremos que abdicar do prazer da vida em comum e nos equiparmos o mais rápido possível para a vida solitária.

Acho oportuno fazer algumas considerações acerca do nosso pensamento moral mais comum, pois sua revisão é fundamental para que possamos viver direito a era do prazer. Durante os milênios de privação e de luta para dominar as adversidades naturais, é compreensível que a virtude tivesse sido entendida com a capacidade de se sacrificar, de abrir mão dos prazeres físicos mais imediatos (que, é claro, quase nunca podiam ser satisfeitos). Assim, aprendemos e nos desenvolvemos - pois as coisas só estão em mudança efetiva de 20 anos para cá - segundo a idéia de que valor moral é levarmos uma vida "produtiva", "útil", "sacrificada" (4). Conforto, bastante tempo disponível para o lazer, prazeres sexuais e outros ligados ao corpo

sempre foi visto como coisa fútil, banal e principalmente sem valor moral, ainda que não se esteja lesando ou fazendo mal a terceiros. Grandeza é sofrimento e sacrifício. Alegria de viver, prazeres em geral têm, para nós, conotação negativa, é acontecimento inevitável, mas menor. Nos sentimos deprimidos e sem valor e importância depois de algumas horas ou alguns dias muito felizes e simplesmente porque isto, que hoje é bem mais fácil de ser experimentado, é registrado em nosso psiquismo como falta de dignidade moral.

Me parece bastante evidente como este tipo de pensamento pode alterar a rota de nossas vidas no sentido da infelicidade e do sofrimento, sempre com o objetivo de nos sentirmos elevados moralmente, dignos. A era do prazer que está a í só se estabelecerá se pudermos pensar de modo diferente; senão coisas boas sempre serão deprimentes e geradoras de sentimentos de culpa; e se assim for, não teremos competência para viver o amor e o casamento verdadeiramente gratificantes: isto porque a felicidade sentimental é, sem dúvida, um dos prazeres humanos maiores.

III. A BIOLOGIA LIMITA MAS NÃO DETERMINA

Dar ênfase fundamental a biologia humana como fator determinante da nossa forma de ser e de pensar é o que costuma fazer o pensamento chamado de conservador. Somos agressivos, competitivos, egoístas e possessivos por natureza; há os mais fortes e estes, na livre concorrência, sempre vencerão e dominarão os mais fracos. Não há nada a fazer, pois é assim que fomos construídos. Pessoas que sonham com um mundo melhor e mais justo pensam do modo exatamente oposto; se assim parecemos ser é porque vivemos uma ordem social que nos impulsiona para tais tipos de conduta. Seríamos criaturas essencialmente iguais, mais generosas e menos agressivas; fica assim justificado o esforço de alterar as regras da vida social a qualquer custo, pois a nova ordem traria consigo as condições para a expressão das peculiaridades mais genuínas da nossa espécie, que seria essencialmente boa.

Não creio que estes dois tipos de reflexão radicais e opostos possam nos levar a uma compreensão mais acurada da condição humana. Hipervalorizar o biológico me parece erro idêntico ao de subestimá-lo. Da mesma forma, não cabe mais qualquer raciocínio moral, pois não nos interessa saber se o homem é bom ou mau (e o que é ser bom ou mau!) e sim saber como ele é e como ele pode vir a ser. Achar que o homem não tem propriedades biológicas que lhe são inerentes (agressividade, diferenças de nascença na inteligência, no vigor físico, etc.) é ingênuo e está a serviço de se buscar o atingimento de alguma utopia, de um mundo ideal. Acreditar que o homem é aquilo que temos visto é má fé e está a serviço da preservação dos privilégios de uns poucos. Acredito que temos peculiaridades biológicas, que nascemos de uma certa maneira; mas em nossa espécie elas não impõem uma visão determinista de nosso destino por duas razões: a primeira é que as nossas tendências instintivas são bastante mais frouxas e elásticas do que nas outras espécies; a segunda é que dispomos de um cérebro bem mais eficiente, de modo a nos ser facultadas várias formas de tentativas de harmonização entre as tendências inatas e a realidade externa, sobre a qual, diga-se de passagem, interferimos o tempo todo.

A maneira como tenho pensado sobre este falso antagonismo entre natureza e cultura pode se esclarecer na discussão de nossas duas tendências instintivas básicas, quais sejam o amor e a sexualidade. De fato, o amor seria quase um instinto (na linguagem de Platão, no "O Banquete", o amor não seria nem um deus - instinto - nem um mortal - aquisição cultural; seria um semi-Deus) (5). Seria uma tendência persistente em nós desde o nascimento de buscarmos a paz, o aconchego e eventualmente a proteção através da aproximação física ou, mais tarde, espiritual, com outro ser humano - ou equivalentes. Seria uma espécie de nostalgia da situação uterina dual, na qual experimentamos serenidade e razoável harmonia, condição que se desfaz com o nascimento. Na criança pequena o fenômeno é evidente e claramente relacionado com o desamparo e a desproteção em que ela se encontra; se ela acorda e se percebe sozinha entra em pânico e começa a chorar; só se apazigua ao ser levada para o colo da mãe (ou equivalente), quando se refaz a

ligação dual; de modo que se pode dizer que a criança ama a mãe, pois tem prazer na sua presença, condição em que se atenua o desespero e se desfaz a sensação de desamparo. A criança busca o mais possível estar junto dela pois isto lhe é gratificante, sereno.

O amor adulto, como o temos conhecido, não é muito diferente deste acima descrito. Mesmo quando nos sentimos capazes de resolver nossas necessidades práticas de sobrevivência, sentimos um enorme vazio (ou mesmo desespero) quando estamos sozinhos. Buscamos estar próximos de alguém que escolhamos como o nosso objeto adulto do amor e experimentamos a sensação de prazer que deriva do preenchimento deste vazio, coisa que nos faz sentir paz; assim, percebemos que nos sentimos em harmonia com muito maior facilidade quando estamos com a pessoa amada do que a sós e é por isso que tendemos a nos apegar muito a ela e inclusive a querer dominá-la para que jamais nos escape.

Acredito que se possa colocar, de modo breve, as coisas assim: o desejo de recuperar a sensação de paz e harmonia perdida no nascimento é o anseio amoroso natural, biológico, do ser humano. Na criança é mais que óbvio que a tendência amorosa seja intensa e dirigida para a figura da mãe (ou equivalente) de uma forma que eu ainda chamaria de natural e até certo ponto determinada pela biologia. Agora, a versão adulta do amor, o desejo de se sentir aconchegado através do convívio com outra pessoa da forma peculiar que conhecemos e vivemos já não creio ser absolutamente determinada; até pelo contrário, me parece uma forma ainda muito primária de vínculo, pois é em tudo parecida com a solução infantil (6). A tendência gregária, que é como poderíamos chamar estes resíduos amorosos na vida adulta, poderá se manifestar de múltiplas formas, uma não excluindo a outra, e em simultaneidade; de alguma maneira, estas outras manifestações afetivas - busca de atenuação do desamparo, que também existe na maturidade, por razões metafísicas - que não são apenas a da ligação dual entre um homem e uma mulher, existem o tempo todo. Nos monges, o amor a Deus e a vida em comunidades (conventos) substituem a família tradicional. Jovens vivendo em repúblicas de estudantes constituem um grupo que se aconchega. Mesmo as

peças casadas têm nos amigos e nos parentes (além da religião, nacionalismo, etc.) outros vínculos amorosos complementares. Só isto basta para que possamos perceber o essencial: a tendência gregária é biologicamente determinada; mas a forma como ela vai se manifestar no homem adulto está em aberto e dependerá de soluções a serem encontradas pelos próprios homens; e mais, não existirá apenas uma única solução e nem mesmo é impossível que algumas pessoas, suportando melhor o desamparo e o ser só, tenham estas expectativas amorosas altamente diminuídas ou mesmo quase que inexistentes.

Fenômenos similares podem ser descritos quanto à sexualidade; a mobilidade aqui é menor, pois se trata de uma força instintiva mais definida, mas ainda assim sujeita a uma grande variedade de expressões. A mim parece essencial enfatizar a clara separação entre sexo e amor como duas forças absolutamente independentes, coisa que o pensamento conservador não aceita porque usa o amor como repressor da sexualidade, especialmente da mulher. O sexo é fenômeno essencialmente pessoal (ao passo que o amor é obrigatoriamente interpessoal), ao menos em suas manifestações iniciais, infantis. A criança, no processo de conhecimento do seu corpo, toca certas partes que lhe provoca uma sensação toda especial, uma excitação tísica percebida como muito agradável. Assim, sexo é excitação agradável, ao passo que amor é paz e serenidade, sentida também como agradável (7).

De uma forma simplificada (e estas observações serão complementadas nos próximos dois capítulos) poderíamos dizer que a estimulação das zonas erógenas determinando a excitação sexual corresponde à peculiaridade biológica deste instinto. O grau de liberdade para a multiplicidade de atitudes diante disto é razoavelmente grande. Apenas como exemplo, a criança pode estimular as zonas erógenas com suas próprias mãos ou com qualquer tipo de objeto que ela queira. Poderá trocar carícias com outras crianças, e se quisermos pensar de modo realmente livre, poderá fazê-lo também com adultos. Poderá preferir trocar carícias com crianças do mesmo sexo ou do sexo oposto. E isto em nada modificará a excitação que ela venha a sentir, pois o essencial é a estimulação dos seus genitais. Assim, não se poderá, por

exemplo, chamar de natural às trocas de carícias entre pessoas de sexo oposto e de anti-naturais a iguais procedimentos entre criaturas do mesmo sexo a não ser que estejamos movidos por um modo de pensar puramente preconceituoso. Sintetizando: a excitação derivada da estimulação das zonas erógenas é a propriedade biológica; com quem e como fazer a excitação é da livre escolha dos homens.

IV. AMOR E VAIDADE

O objetivo agora é retomar a questão da sexualidade, em algumas de suas correlações com a forma como costumamos viver as ligações amorosas. Infelizmente nem todas as peculiaridades da sexualidade humana apresentam a simplicidade descrita antes, ou seja, a agradável sensação de excitação derivada da estimulação das zonas erógenas, tanto faz se feita pela própria pessoa ou em qualquer tipo de troca de carícias com outros parceiros. Uma outra faceta deste instinto tem a ver com um prazer erótico difuso diretamente relacionado com o se exibir, com o atrair para si olhares de interesse e admiração; sua manifestação primeira - nos meninos - tem a ver com a exibição dos genitais, sendo prazeroso o mostrar e não o olhar. Rapidamente o exibicionismo toma conta também das meninas (se torna evidente nas crianças a partir dos 6-7 anos de idade), sob a forma de prazer de se mostrar com uma roupa diferente, uma jóia, algo enfim de novo sobre o seu corpo e capaz de atrair olhares. A esta busca de chamar a atenção, de se destacar, de sermos olhados como uma pessoa especial e não apenas um número é que chamamos de vaidade humana, prazer indiscutivelmente sexual, uma excitação generalizada que nos enche de alegria.

A vaidade participa como ingrediente de todas as atividades do ser humano e é provável que esta seja a faceta da sexualidade que nos impulsiona para a ação, para o movimento (e talvez por isso tenha levado Freud a chamar o instinto sexual de instinto de vida). A atividade intelectual é intrigante e prazerosa por si; mas a ela se associa o prazer de se mostrar competente ou

sábio, o que é vaidade. O vestuário é uma necessidade de sobrevivência da nossa espécie; mas a ela se associa a sofisticação estética e a busca de roupas extravagantes e originais, o que é vaidade. A atividade esportiva é um prazer corpóreo, ligado ao bem estar e a agradável sensação de aprimoramento pessoal; mas se busca também o destaque, a vitória, isto é vaidade. O político sincero busca o bem estar do seu povo; mas é idolatrado e muito admirado, o que é vaidade. E assim por diante, incluindo-se também o despojamento dos bens materiais e a renúncia aos destaques sociais, que é uma nova e mais requintada manifestação de vaidade.

Da mesma forma, podemos reconhecer importantes elementos de vaidade no modo como vivemos as relações amorosas. As suas manifestações mais simples - e inofensivas - tem a ver com a tendência para a recíproca bajulação dos que se amam; o amante repete a todo o instante para a amada coisas do tipo: "você é a criatura mais maravilhosa que existe no mundo", "você é única, linda, a mais bela de todas", "ninguém chega aos teus pés", etc.; e vice-versa. As trocas de elogios têm a ver também com a necessidade de reasseguramento afetivo, pois o amor é vivido sempre como uma incerteza, algo que pode a qualquer momento se acabar; mas não é só isto: temos que nos sentir prestigiados, incensados (o que é pura vaidade) a todo o instante, especialmente pela criatura que nos é mais importante, ou seja aquela que é o objeto do nosso amor. No amor, nossa auto-estima fica muito na mão do amado; se somos prestigiados e paparicados, somos ótimos e fortes; nos sentimos deprimidos e depreciados se não somos tratados com a devida consideração. Este aspecto é importante de ser ressaltado, uma vez que ficamos por demais dependentes de nossa vaidade (e não só em relação à atitude do amado, mas das pessoas que nos são significativas em geral). Se nos alegamos quando somos prestigiados, somos levados a depressões profundas se formos desconsiderados ou simplesmente ignorados; acredito mesmo que as reações depressivas mais freqüentes têm como causa alguma ofensa à nossa vaidade. .

Por sermos vaidosos, desejamos ser tratados o tempo todo, e por todo o mundo, de um modo especial; gostamos de nos sentir importantes entre

outras coisas porque sabemos que somos todas criaturas insignificantes - ao menos do ponto de vista cósmico. E não/cabem reflexões e propostas ingênuas no sentido de abandonarmos nossas vaidades, pois isto é impossível; já será um grande passo se formos capazes de sermos conscientes dela e tratarmos de não sermos escravos absolutos de suas aspirações. Se a supressão de um dado prestígio determina depressão, podemos supor que a vaidade "vicia" e que, de alguma forma, somos todos dependentes dela. Se isto é verdade nas relações humanas em geral, que dizer da relação amorosa? Se gostamos de ser tratados com deferência pelo porteiro do restaurante, que dizer do que esperamos de nossos amados? Tudo; esperamos ser tratados como se fôssemos a única pessoa importante do mundo; aquele a quem amamos só deve ter olhos para nós; se algum outro interesse humano existir no amado, é forçoso que ele seja absolutamente secundário. E preciso que fique claro que nós somos a luz e que outras criaturas têm algum interesse mas que não chegam aos nossos pés. Este raciocínio vale para eventuais rivais - pessoas que poderiam pretender a nossa posição perante o amado - mas também para filhos, pais, parentes em geral, etc.

Pretendemos exclusividade de atenções; se isto não for possível, pelo menos que sejamos a clara e indiscutível prioridade. Quando isso não ocorre, nos sentimos abandonados, traídos, rejeitados, deprimidos, revoltados e com ódio, humilhados. Acredito que estes sejam os ingredientes do que chamamos de ciúme. Não é impossível que exista um certo componente possessivo e exclusivista na manifestação propriamente amorosa, mas não tenho a menor dúvida de que a vaidade se soma a esta peculiaridade e a faz assumir a magnitude que costumamos presenciar e sentir. A possessividade se agrava mesmo é por causa da vaidade, pois não suportamos, nem mesmo por alguns minutos, ficar em posição subalterna quanto às atenções do amado. Se uma relação amorosa se rompe, existe tristeza e dor pela perda; mas se a causa disto é porque um dos dois se envolveu sentimentalmente com outra pessoa, o que foi largado experimenta emoções bastante mais fortes, onde a ofensa na vaidade é que sobressai (e isto se costuma chamar de "orgulho ferido"); se fazem estas mudanças de termos para se fugir ao juízo ético negativo: vaidade

é defeito e orgulho é virtude; e ambos são a mesma coisa). A sede de vingança, o desejo de que o outro se arrase e seus projetos se frustrem, a alegria por saber o outro mal, estas são as reações do que é traído; e não por causa da perda afetiva, pois esta só deveria determinar tristeza e desalento. Assim, cabe refletirmos melhor sobre os ciúmes e entender seus ingredientes, pois isto poderá fazer com que sejamos capazes de parar de sofrer por causa deles. Nada no ser humano é definitivo e sem solução (8).

Apenas um breve registro da tendência para a dominação do amado por causa da vaidade. São várias as razões que determinam o desejo de subjugar aquele a quem se ama e ainda teremos oportunidade de voltar a isto várias vezes; aqui apenas o que diz respeito a esta emoção. Nossa vaidade é que nos impulsiona a querer fazer boa figura diante das pessoas em geral, a sermos por elas admiradas. Se um homem se liga afetivamente a uma mulher, passa imediatamente a ter que se preocupar com a impressão que ela causa a estas pessoas que lhe são significativas. Tenderá para querer impor a ela um modo de ser, de falar, de se vestir, etc. tal que ela não o desabone e até mesmo que sua existência seja mais um fator de prestígio para ele; para isto ela terá que ser como ele acha bacana, mesmo que não seja a sua vontade. A vaidade individual se estende também para os parentes em geral, filhos em particular; se o filho é reprovado na escola, são os pais que se envergonham socialmente; daí se agravarem tendências dominadoras que, é claro, têm também outras origens.

V. AMOR E INVEJA.

A inveja é uma sensação de humilhação (e, portanto, também tem a ver com a vaidade) derivada de se perceber que uma outra pessoa possui uma determinada coisa ou peculiaridade que nós valorizamos e gostaríamos de ter. Nos sentimos inferiorizados, por baixo, agredidos, e, ou nos empenhamos para também vir a ter, ou nos afastamos da pessoa, ou tratamos de destruir aquilo que nos encantou e humilhou. Só é lógico invejarmos alguém que nos pareceu

Superior em algum aspecto, possuidor de algum valor que nos despertou a admiração; assim, invejar é passar um atestado de se sentir por baixo, donde a tendência das pessoas de agir segundo esta emoção de modo sutil, para que ninguém perceba que ela é a causa da agressão ferina, do comentário maldoso, etc. (o que, diga-se de passagem, quase nunca é eficaz, pois é fácil perceber-se a presença da inveja). Como o amor, ao menos na fase adulta, também deriva da admiração, é evidente que amor e inveja devem estar presentes e disputar espaços na grande maioria das relações afetivas mais íntimas.

Sempre que o encantamento amoroso se der entre pessoas de temperamentos essencialmente diferentes (o que é a grande regra, até porque as pessoas não costumam achar o seu modo de ser legal) a inveja ocupará o lugar de destaque na relação. Se manifestará no esforço de sabotar e depreciar exatamente as propriedades admiradas - e não possuídas. Os momentos de ternura se darão entre uma briga e outra, quase sempre desencadeadas por alguma banalidade. Pessoas caladas, pouco agressivas, essencialmente generosas se ligam a outras mais egoístas, violentas e extrovertidas; e depois gastam a maior parte do tempo em comum tentando fazer a outra ficar como ela mesma, coisa que, se ocorresse, significaria o fim do próprio encantamento, mas também o fim da inveja. É desnecessário descrever em detalhes estes processos pois quase todo o mundo o conhece de vivência pessoal; também é fácil entender que, apesar das insistências, cada pessoa fica mais e mais apegada a sua maneira de ser, pois ser invejada significa estar sendo admirada, valorizada, o que é bom para a vaidade (9).

Acredito que seja fundamental, porém, nos atermos a um aspecto mais estrutural da relação homem-mulher e que pode estar na base da mais importante hostilidade que sempre existiu entre os sexos. Se trata de uma característica do instinto sexual sobre a qual pouco se costuma pensar, especialmente nos tempos atuais onde uma ideologia igualitária tenta dar conotação exclusivamente cultural às diferenças de comportamento observáveis entre os homens e as mulheres. Segundo venho insistindo há vários anos, penso que a sexualidade adulta mostra uma peculiaridade que

diferencia biologicamente o homem, pois este passa a sentir um desejo ativo, visual, em relação às mulheres a partir da puberdade. Assim, à simples estimulação das zonas erógenas - feita solitariamente ou com algum parceiro - se soma a possibilidade de excitação sexual através da observação do corpo (e do jeito de ser) da mulher. O desejo masculino é de se aproximar desta criatura que lhe estimulou e com ela estabelecer um encontro capaz de conduzir a ejaculação e, portanto, à saciedade. Nas sociedades civilizadas, ele necessita da aprovação da mulher para esta conduta, coisa que ele registra como a razão de uma grande desvantagem para sua condição. Tal inferioridade - sentida indiscutivelmente pelos homens - deriva do fato da recíproca não ser verdadeira; ou seja, não é que não exista interesse sexual da mulher pelo homem, mas ele não é tão claramente visual, fato que permite a passagem do processo pela razão. A mulher tem competência para saber de quem se trata e precisará ficar encantada por outras propriedades e não apenas pelo aspecto físico, visual; assim, o homem terá que se mostrar atraente para uma mulher que já lhe despertou o desejo, sendo que poderá fracassar na sua empreitada e ter que amargar a dor da rejeição (o que também é grave ofensa à sua vaidade).

Se os homens se sentem inferiorizados e por baixo em virtude de sua posição biológica de ser o que deseja primeiro, não poderão deixar de desenvolver as reações típicas da inveja; ou se afastarão das mulheres, bloqueando o desejo sexual por elas (conduta que, a meu ver, é a maior causa da homossexualidade masculina); ou tratarão de agir destrutivamente em relação a elas; ou tratarão de se empenhar para superá-las em outros aspectos para os quais estejam mais equipados. Da associação destas duas últimas formas de reação invejosa se compõe o procedimento masculino usual e que se chama de machismo: depreciação permanente das mulheres por parte dos homens, que as acusam de burras, ilógicas, perdulárias, etc. o tempo todo, associada ao esforço masculino de desenvolver competências práticas - no início relacionadas com a superioridade muscular - com as quais se sentiriam superiores, a cavaleiro. Não é de espantar, portanto, que a chamada obra civilizatória tenha sido feita por homens, para impressionar e

dominar as mulheres ao mesmo tempo, pois para ter acesso às suas facilidades as mulheres precisariam dos homens.

Deste último aspecto deriva, a meu ver, a inveja das mulheres para com os homens; admiraram os seus feitos, se beneficiaram deles mas não tinham acesso direto a eles pois os homens reservaram para si as ações sociais mais importantes uma vez que este era o seu trunfo, seu poder. Penso, pois, na inveja feminina como secundária, derivada da dominação machista que reservou para os homens a melhor parte dos benefícios da civilização. As lutas emancipatórias das mulheres, associadas ao natural progresso da técnica que a elas permitiu o acesso direto ao trabalho e às posições sociais de destaque, deverão trazer como resultado o fim da inveja feminina em relação aos homens. Por outro lado, o livre exibicionismo físico contemporâneo das mulheres aguçou mais do que nunca a inveja masculina e, por hora, não vejo sinais de sua atenuação (10).

Apenas mais uma breve nota acerca do ciúme, pois também a inveja contribui para engrossar as fileiras dessa que é uma das mais nocivas peculiaridades do amor como o temos conhecido. Por causa da diferença sexual, muitos homens manifestam uma enorme irritação ao perceberem sua mulher amada muito atraente. Saber que ela atrairá olhares de desejo, chamará a atenção das pessoas ao entrar nalgum lugar é algo que o envaidece - é ele que está com a bela mulher - mas o deixa inseguro e também invejoso, pois é ele que gostaria de despertar o impacto visual sobre as outras pessoas. Da mesma forma, muitas mulheres se irritam profundamente ao perceberem que seus amados têm olhos para as outras (mesmo que sejam simples fotografias). Como a inveja compete com o amor diretamente - ambas surgem por razões idênticas - é fundamental sermos capazes de buscar os caminhos atenuadores da inveja, sem o que continuaremos a viver a milenar guerra entre os sexos. Acredito que dois processos mentais terão que ser repensados para que possamos atingir este objetivo: o primeiro é que não nos deveríamos ater a um código de valores muito rígido, que considera virtudes determinadas propriedades e defeitos a outras, inclusive porque os "virtuosos" costumam invejar muito os "pecadores", o que por si só impõe uma severa reavaliação. O

outro é nos esforçarmos muito no sentido de nos livrarmos de uma das tendências mais fortes e nocivas do nosso modo de pensar que é o de nos guiarmos por permanentes e contínuas comparações; comparar qualidades diferentes só poderá servir para o desenvolvimento de conclusões nas quais todo mundo se achará inferiorizado em relação ao outro modo de ser. Assim, não cabe perguntar e querer saber se é melhor ser homem ou mulher, se uma condição é mais confortável que a outra; cada um terá que se assumir segundo aquilo que é e tratar de se aprimorar; o outro é o outro e não o referencial para a auto-avaliação.

VI. O AMOR, O COTIDIANO, A MONOTONIA

Vivemos um momento bastante curioso e dramático no que diz respeito às relações amorosas, como de resto em relação a muitos outros aspectos da vida, inclusive o da preservação ou destruição total do planeta (temática fundamental para a qual finalmente as pessoas estão se sensibilizando). Já nos apercebemos que as fórmulas tradicionais de convívio estão caducas - o que é sinônimo de insatisfatórias - e não temos coragem de nos aventurar por caminhos novos. Além da falta de coragem, estamos também altamente condicionados no sentido da repetição dos padrões milenares. Neste artigo e nos dois seguintes tentarei resumir as contradições que todos nós temos vivido e a perplexidade que nos envolve.

Um homem e uma mulher se conhecem, se encantam um com o outro, desenvolvem uma intimidade peculiar tanto do ponto de vista físico como intelectual e por isso mesmo sentem enorme prazer em ficar juntos. A tendência natural ante tudo o que nos agrada é a de quereremos mais; se uma determinada companhia nos faz tão bem tendemos para estar com ela todo o tempo possível, usufruindo das agradáveis conversas nas quais se confidenciam as vivências passadas e os anseios atuais, além da descoberta das singularidades sexuais. Por razões do impulso amoroso e de suas propriedades (ao menos conforme nos foram ensinadas) tendemos para

encaminhar este tipo de relacionamento gratificante para o que se poderia chamar de compromisso; ou seja, se começa a fazer planos em comum para o futuro, se estabelecem regras de obrigações recíprocas todas elas fundadas na idéia de que um passa a ser a coisa mais importante na vida do outro, conforme já descrevi ao falar da vaidade no amor. A maior prova de amor, de indiscutível significação de um para o outro, é aceitarem de dividir integralmente suas vidas, o que vale dizer se casarem. E até hoje, sempre que uma pessoa não se dispuser à coabitação entenderemos que é porque ela não ama o suficiente à outra em questão (11).

Assim, mesmo pessoas que já se casaram e se deram mal tendem a percorrer este caminho, baseado tanto em condicionamentos como na vaidade. Passam a viver juntos, enfrentam as dificuldades de adaptação a este novo estado com alegria, pois estão convenci das de que o amor que os une é maior do que qualquer obstáculo. Continuam a desenvolver a intimidade intelectual, as longas conversas próprias das pessoas que estão em processo de se conhecerem e que têm, portanto, muita coisa a se dizer; Do ponto de vista físico, percebem um certo arrefecimento da vontade inicial, coisa interpretada com naturalidade, como própria da nova condição (apesar de que, ao viverem juntas, as pessoas teriam até maiores facilidades para uma vida sexual mais intensa). Deixo de considerar aqui as relações amorosas matrimoniais - tensas e ricas em atritos permanentes, pois elas são próprias dos arranjos onde a inveja predomina; tais ligações já estão em extinção, pois as brigas e irritações recíprocas conduzem, mais dia, menos dia, à separação, ainda que existam outros fatores de encantamento ou de interesse que determinem o vínculo. Apesar disto, ressalto que elas ainda constituem a grande maioria das ligações chamadas de amorosas, e para as quais não vejo futuro algum. Além disso, o que se segue também existe nestes casos, submerso nas irritações e agressividades.

Com freqüência, estabelecida a aliança matrimonial encantamento amoroso mais regras de recíprocos compromissos e mais estabelecimento de uma vida cotidiana em comum - surge uma gravidez, desejada ou não, da qual resulta um filho. A rotina da coabitação, já existente entre os adultos, agora se

agrava ainda mais, pois as crianças necessitam de cuidados permanentes, têm horários definidos para tudo, etc. Não me envolverei no tema dos ciúmes e tensões emocionais que uma nova criatura impõe ao casal, mas não posso deixar de registrá-lo. Independentemente das idéias e das promessas que os casais se fazem acerca de como será sua vida em comum, os fatos os impulsionam sempre para a mesma coisa: se ocupam o dia inteiro em seus afazeres pessoais, se encontram todas as noites em casa para o jantar (a mulher deve ser a primeira a chegar), ficam juntos depois assistindo algum programa de televisão (em geral o homem adormece no meio do espetáculo), discutem os temas cotidianos de suas vidas pessoais (através destes velados relatórios cada um tem os dados de controle sobre a "lealdade" do outro) e vão para a cama; se ainda tiverem alguma disposição, mantém um contato sexual medíocre e que, ainda assim, tende para se escassear.

Na realidade, penso que os bons casamentos – aqueles em que os atritos não ocupam a maior parte da vida em comum – sempre foram vividos do modo como descrevi sumariamente. Até há algumas décadas a existência do homem na Terra era algo sobre a qual se tinha muito poucas expectativas: se trabalhava e depois se vivia o aconchego familiar; nada mais existia, de modo que é provável que quase ninguém achasse muito grave que as coisas fossem assim; não havia um outro padrão de comparação. Agora o mundo mudou, existem centenas de cinemas numa cidade grande como São Paulo, dezenas de teatros, bares, restaurantes; a locomoção é fácil e rápida, de modo que as pessoas podem se encontrar com facilidade insuspeitada; da mesma forma, é possível se vir a conhecer um enorme número de pessoas e ficar intrigado com o processo de desvendar sua intimidade, coisa já resolvida e acabada em relação ao cônjuge amado. Aquilo que era vivido como coisa natural, hoje é sentido como monótono e tedioso, pois há outras pessoas que estão tendo experiências mais estimulantes, conhecendo novas pessoas, novos lugares. E os casais, quando saem para fora de casa em busca destes divertimentos, sempre o fazem juntos, pois este é um dos preceitos mais fortes das regras de compromissos recíprocos: ou passeiam juntos ou nenhum dos dois sai. Como fazem tudo desta forma, suas vivências são quase que

exatamente iguais às dos companheiros e quase nada têm para conversar, para contar um para o outro, a não ser os assuntos corriqueiros de trabalho, os dramas familiares, os problemas domésticos.

Diálogos pobres e repetitivos, vida, sexual se esvaziando cada vez mais tanto qualitativa como quantitativamente, marido e mulher envolvidos em suas obrigações pessoais e numa rotina em comum monótona e obrigatória, eis como se encontram alguns anos depois aqueles que trocaram juras de amor eterno. A depressão toma conta deles e é difícil de ser compreendida e aceita, pois afinal estão infelizes apesar de terem tudo o que aprenderam serem os ingredientes da felicidade; não podem deixar de ficar conturbados, pois fizeram tudo direito e o resultado é um profundo tédio. É mais ou menos como alguém um dia me disse: "sou casado, minha mulher é ótima e eu a adoro; tenho dois filhos ótimos; minha casa é ótima e eu estou absolutamente cheio, não agüento mais e vou-me embora". Os maus casamentos são desastrosos por causa dos atritos e da inveja. Os bons casamentos se tornam monótonos e geradores de depressão por causa da rotina da vida em comum. Só podemos concluir que há algo de falho na própria estrutura do casamento, algo que não mais se adapta aos tempos atuais.

VII. O AMOR E AS CONCESSÕES

Desde sempre ouvimos falar que o amor implica em concessões recíprocas; que é próprio de quem ama abrir mão de suas vontades e até mesmo de suas convicções com o intuito de agradar o amado, sendo esta a demonstração mais inequívoca da força deste sentimento. Amar é dar, é ter prazer em dar, é conceder com alegria. Amar é, pois, exercício da generosidade, virtude indiscutível segundo a ética do sacrifício e da renúncia na qual fomos formados e aprendemos a considerar como verdadeira por estar de acordo com a vontade de Deus. É bastante evidente também que tal atitude - na maior parte dos casais unilateral, isto é, há um que concede e outro que exige e impõe - é um requisito indispensável para se poder manter a regra tradicional de que o casal deverá estar junto todo o tempo disponível (12).

Também é fato que as concessões no mundo de antigamente (isto é, até há 20-30 anos atrás) não eram de grande monta, pois poucas eram as alternativas de atividade; no máximo, um dos cônjuges - no passado amor e casamento se confundiam, exceção feita à vida clandestina dos amantes - iria a contragosto almoçar na casa dos pais do outro, pois de resto a vida era simples, programada e sempre igual.

Chegamos à era do prazer e a ética do sacrifício já não nos convence mais; não conseguimos nos conformar com facilidade em termos de fazer coisas que não temos vontade, afora, é claro, aquelas que consideramos nosso dever, nossa obrigação. Não vemos mais razão para isso, nem mesmo nos seduz a idéia de que assim atingiremos o reino dos céus. Além do mais, as alternativas de programas de lazer cresceram de modo exponencial, de modo que estaríamos obrigados a uma quantidade de concessões muito maior do que no passado; teríamos que assistir a filmes que não temos interesse, fazer visitas tediosas, acompanhar esportes desinteressantes, viajar quando não queremos, etc. E tudo isto para não rompermos com a regra romântica tradicional de que um casal deve estar sempre junto. Fica assim criada uma nova tensão, muito maior; a exigência seria a de uma capacidade crescente de se fazer concessões justamente quando nossa vontade de viver aquilo que nos é prazeroso - e quase que só isto - é maior do que em qualquer outra época. Numa frase: ficar junto o tempo todo implica em renúncias maiores no mesmo momento em que não podemos deixar de perceber que nossa capacidade para isto decresce dia a dia.

É importante ressaltarmos aqui uma peculiaridade psicológica do ser humano, presente mesmo nos mais generosos (aqueles que, aparentemente, estão convictos de que o dar de si é a maior virtude e o máximo de prazer): não podemos abrir mão de nossos direitos legítimos sem que isto implique na acumulação de mágoas; podemos fazê-lo por não termos coragem de enfrentar suas conseqüências, por temermos as represálias; porém, desenvolvemos um rancor em relação ao outro, àquele que percebemos como sendo o que nos tiraniza. Do mesmo modo que não possuímos capacidade real para o perdão, não podemos conceder para além de um dado limite - variável

para cada um de nós - a não ser com o desenvolvimento de uma hostilidade (muitas vezes inconsciente) que nos levará ao revide direto ou sutil. Assim, é justamente das pessoas mais tolerantes e "dóceis" que podemos esperar as "viradas de mesa" mais intempestivas e radicais. Concessões crescentes implicam em mágoas crescentes, unilaterais na maioria dos casamentos e bilaterais justamente nas melhores ligações amorosas, onde ninguém quer magoar, desapontar o outro. Mágoa é uma versão bem educada de raiva, donde se pode esperar que dessa política de vida a dois - idêntica nas ligações não matrimoniais - as hostilidades e destrutividades sejam crescentes, até o ponto de se tomarem insuportáveis. Estes mecanismos se somam aos descritos anteriormente, ligados à monotonia da vida em comum, como mais um importante fator depressivo daqueles que se vêem nesta disposição de alma justamente em relação à figura originariamente tão amada e mesmo idolatrada.

Nossa época tem que absorver e se adequar a mais uma importante aquisição, positiva - além de inexorável - mas em franca oposição à idéia de se fazer tudo junto o tempo todo. Trata-se da emancipação econômica - já praticamente estabelecida - e emocional - em curso - da mulher. Se antigamente o homem era uma espécie de planeta e a mulher um satélite que gravitava em torno dele, era mais fácil imaginarmos um vínculo mais próximo, uma integração que se aproximasse da fusão de duas pessoas em uma SÓ. Até hoje, por razões de condicionamento cultural, a mulher, quando se apaixona por um homem, tende a se posicionar de modo subalterno; passa a se interessar pelas atividades do homem, quer servi-lo, ser aquela que está atrás dele. Mas isto dura apenas algum tempo; logo depois ela se cansa e trata de voltar a buscar seus interesses, sua maneira de ser e de pensar. E isto é novo, pois no passado ela ficava na condição de submissão para toda a vida.

E evidente que os homens se sentem muito prestigiados com esta atitude inicial das mulheres; é prova inequívoca de que eles são a prioridade delas, sempre dispostas a servi-los e agradá-los, achando o máximo suas conversas, seu trabalho, seus amigos, seu modo de vida. Nesta fase não há concessões, pois as mulheres fazem isto de gosto, convictas de que, através

do amor, encontraram o seu caminho. E isto será tanto mais verdadeiro quanto maiores forem as efetivas afinidades entre os que se amam (condição, é claro, que em qualquer fase da vida amorosa faz com que o volume de concessões seja menor). Os homens ficam rapidamente "mal acostumados" por esta atitude feminina e finalmente se sentem como heróis, pois assim são tratados. Quando acontece a reversão - quase que inevitável - o tombo deles é muito grande. Se sentem traídos, abandonados, e isto até mesmo ao perceberem que suas mulheres têm opiniões diferentes das suas (a coincidência de pontos de vista nos dá a impressão de não estarmos sozinhos, nos passa aconchego; talvez por isso seja tão forte a tendência, autoritária mesmo, de querermos convencer os outros de nossas idéias). Quando desaparecem as atenções especiais, principalmente no plano da vida doméstica - comidas preferidas, mesuras na hora de sua chegada em casa, cuidados com suas roupas, etc. se sentem rejeitados, mal amados. Podem reagir violentamente ou não, mas sempre se ressentem, e muito, da perda dos privilégios aos quais foram habituados pelas próprias mulheres; e é justo que elas hoje, ocupadas igualmente com suas atividades fora de casa, se desobriguem destas tarefas, que nada mais significam do que incensar a vaidade dos homens, dar a eles a idéia de que eles são os mais importantes, os maiorais.

Estas observações demonstram, de maneira sucinta mas inequívoca, um dos principais impasses em que vive o vínculo amoroso nos nossos dias. Os anseios de individuação crescentes, principalmente por parte das mulheres, multiplicidade de atividades e a menor capacidade de fazermos concessões em virtude do esvaziamento do sentido da ética do sacrifício e da renúncia entram em choque frontal com uma das premissas básicas da vida afetiva como nós aprendemos que ela deveria ser, qual seja, a de que o par deve viver como uma unidade que só se separa por razões de necessidade (trabalho, graves enfermidades em família, etc.). Se não nos apressarmos na resolução deste dilema, as crescentes hostilidades bilaterais estarão a serviço de rapidamente determinarem o fim das alianças sentimentais; e mais, sem que se possa pensar na possibilidade de refazê-la com outro parceiro, pois este impasse estará presente de novo.

VIII. A POSSESSIVIDADE E O AMOR

Confundimos a maneira como vivemos uma determinada emoção com sua essência, com sua natureza. Já afirmei que acredito na existência de uma peculiaridade biológica ligada ao anseio amoroso mas que a forma de expressão pode ser múltipla e variada (dentro dos limites impostos pela biologia, que na nossa espécie são bastante elásticos). Acredito, hoje em dia, que o amor que temos entendido e enaltecido como sendo a sensação maior de nossas vivências adultas tem peculiaridades extremamente parecidas com a relação da mãe com um recém-nascido, coisa que se detecta até mesmo pelo tratamento que os amantes apaixonados devotam um ao outro (se chamam sempre pelo diminutivo, "fofinho", "lindinho", etc., exatamente como fazemos com os bebês). Se louva a total dependência recíproca, se considera normal que um não admita viver sem o outro, que a morte de um implique na morte do outro. O amante está na mão do amado exatamente como a criança na da mãe; sem ela sucumbe.

Se aceitarmos isto como valioso, como a forma bela, temos que aceitar também o desejo de exclusividade e o ciúme doentio dos amantes em relação a qualquer outra pessoa (inclusive seus próprios filhos), exatamente como o que vemos manifestado no comportamento das crianças quando do nascimento de um irmão, por exemplo. Se consideramos que o amor é isto e só pode ser vivido desta forma, estamos dando dignidade racional para uma conduta evidentemente imatura; o aval da razão complica muito as coisas, pois não teremos que nos aplicar na direção de controlarmos impulsos domadores e possessivos, uma vez que os entendemos como razoáveis (quando não mesmo prova de amor). Resíduos possessivos que poderiam eventualmente continuar a existir nas relações adultas (como costumamos perceber em amizades íntimas, onde há discretos e sutis sinais de ciúme) seriam o resultado de um esforço contrário as tendências para a excessiva dependência e para sua decorrência inevitável que é o desejo de dominação, de subjugação do amado. E este esforço apenas se inicia quando nossa

racionalidade se opõe à forma de amor para a qual fomos treinados, quando cogitamos da possibilidade da existência de outras maneiras de amar (13).

A tendência dominadora e exclusivista não deriva apenas da forma imatura pela qual vivemos a experiência amorosa. Ela tem pelo menos dois importantes fatores de reforço: a vaidade e a insegurança pessoal. Por causa da vaidade, prazer exibicionista de se destacar, de ser único e ímpar, cada pessoa quer se sentir a mais importante na vida da outra; qualquer desatenção deprime, desperta a irritação de se sentir relegada a um segundo plano. Para nos sentirmos reasssegurados em nossa posição precisamos de permanentes demonstrações de valor e de importância vindas da pessoa amada, precisamos dela por perto achando graça permanente em nós; precisamos nos sentir absolutamente indispensáveis, aquele que dá sentido à vida do outro; de forma recíproca, não podemos ver sentido para nossas vidas na ausência do outro (sem nos darmos conta usamos a palavra "sentido" como sinônimo de "importância", sonho irrealizável para a nossa insignificante condição humana com a qual pouco de nós se conforma).

Na medida em que pensamos que nossas vidas se resolvem através das ligações amorosas - pois é assim que temos pensado - nada mais lógico que tenhamos pavor de perder a pessoa amada. Vivemos o amor como algo que nos ameaça permanentemente, sendo o desamparo a tragédia que está sempre por acontecer (além do fato de que o abandono seria grave ofensa à nossa vaidade). O estado de insegurança - que já é próprio da nossa condição - só pode se agravar, desencadeando tentativas sutis ou diretas de controlar o amado para que as possibilidades de abandono sejam as menores possíveis. Da maneira como vivemos o amor resulta aceitável que nos atribuamos o direito de posse sobre o outro, sendo a recíproca também verdadeira: podemos pedir satisfações da conduta do outro e temos o dever de dar relatórios pormenorizados de tudo o que fazemos, sempre com o intuito de atenuarmos a insegurança - o medo de perder - do companheiro. Anseios libertários terão que ser sufocados em nome deste mecanismo de recíproco controle (e muitas vezes recíproca sabotagem, com o fim de enfraquecer a auto-estima do amado, que assim não ousará nos abandonar); como os

desejos de liberdade são muito fortes em todos nós, está composto mais um impasse para o amor romântico e para as alianças matrimoniais nele fundamentados.

Com o advento dos recursos anticoncepcionais (e o fim, portanto, dos perigos e tabus ligados à conduta sexual feminina) e com a maior independência econômica da mulher, a tradicional insegurança masculina acerca da fidelidade conjugal se agravou mais ainda. O desejo de exclusividade sexual por parte dos homens tem suas raízes nos anseios possessivos do amor, mas se reforça de modo dramático pela fragilidade de quase todos os homens quanto a este aspecto da vida emocional; pouco convencidos de sua competência como machos, têm pavor de serem comparados. Não poderiam suportar a humilhação de serem descobertas suas eventuais limitações nesta área (não deixa de ser interessante registrar, a propósito, como o ciúme aumenta o desejo sexual das pessoas, especialmente dos homens; em real ou suposta competição, se esmeram muito em demonstrações de competência, pois isto é requisito básico para a auto-afirmação masculina). O ciúme sexual feminino também aumentou muito, pois o livre exibicionismo hoje aceito faz com que os homens estejam o tempo todo estimulados por mulheres atraentes, coisa que não pode deixar de ser vivida como ameaça à estabilidade dos vínculos amorosos, matrimoniais ou não (14).

Aí está mais um, e grave, dilema a engrossar as fileiras da atormentada vida afetiva nos anos 80: a tão esperada revolução sexual (o fim do tabu da virgindade, a separação entre sexo e reprodução, a igualdade de condições nesta área entre homens e mulheres) é, para todos nós, profundamente atraente e aterrorizante ao mesmo tempo. A sensualidade se irradia em todos os ambientes e isto nos enche de alegria; mas também de medo, pois a mesma vibração ressoa sobre a pessoa amada. Os riscos de aventuras sexuais para além dos limites do amor crescem de modo indiscutível e as inseguranças e ciúmes crescem no mesmo ritmo. Amigos atraentes ameaçam a estabilidade dos casais, coisa que não era verdadeira no passado quando se via um amigo de sexo oposto como um irmão (aliás, hoje não podemos "confiar" nem mesmo nos parentes); a conseqüência é tratarmos de afastar a pessoa amada do

convívio com eventuais rivais, o que vem a ser um aumento das atitudes possessivas e repressoras exatamente no auge da tendência libertária, da explosão da sensualidade.

A própria vida sexual dentro do casamento se empobrece em decorrência destas contradições; por exemplo, se o marido percebe grande desenvoltura sexual de sua esposa em relação a ele, isto o faz sentir mais inseguro, pois a sua plenitude e descontração nesta área poderá se exercer também para além dos limites da ligação conjugal; por medo disto, tratará de desestimulá-la, o que costuma ser feito através de observações irônicas, sutis, mas depreciadoras de sua conduta. Assim, no apogeu da libertação sexual, uma novidade possível graças aos avanços da ciência e que a todos fascina, os casais têm uma intimidade física pobre e desinteressante; numa época como esta, tal privação é vivida como dolorosa, e, é claro, estimula mais ainda para a busca de outras experiências.

Parafraseando Freud (que escreveu algo parecido a respeito da impotência masculina), poderíamos dizer que são tantas as contradições e tensões que envolvem a vida amorosa e conjugal que o incrível e surpreendente é que exista ainda tanta gente casada.

IX. VIVER SÓ NÃO É MAIS SOLIDÃO

A palavra "solidão" nos provoca arrepios de pavor; fenômeno similar ocorria até há pouco tempo com "tuberculose", "sífilis", etc. Nem sequer nos aprofundamos em sua compreensão, pois está associada - por meio de reflexos condicionados, estáveis e difíceis de serem desfeitos - o forte medo; assim, ouvimos a palavra e entramos em pânico. Tais processos um dia foram lógicos; um jovem tuberculoso tinha seus dias contados. De repente as coisas mudam e existe a persistência da associação de medo ainda por algumas décadas. Podemos supor que, no passado, alguém que não se casasse levaria uma vida extremamente tediosa e infeliz (isto como regra geral, sendo provável que tivesse havido várias exceções). Sairia do trabalho para a casa

dos - pais, isto enquanto eles fossem vivos, pois mais tarde iria para um quarto solitário em alguma pensão. Os homens, para alguma prática sexual, só poderiam recorrer às prostitutas. As mulheres ou viveriam em reclusão total ou seriam amantes clandestinas e mal faladas. Socialmente marginalizadas, as pessoas solitárias despertavam pena e eram tratadas como um fardo por suas famílias, única vida social a qual tinham direito pois não eram convidadas para nenhum outro ambiente.

E fácil compreender, portanto, o desespero de uma moça quando ia passando da idade de casar e não apareciam os pretendentes. A forte pressão familiar no sentido do matrimônio tinha por objetivo tentar impedir o trágico destino previsível para a "solteirona", além das preocupações mais concretas ligadas a precária capacidade para uma mulher se auto-sustentar. Homens com mais de 30 anos e ainda solteiros despertavam suspeitas quanto a sua virilidade, coisa que envergonhava suas famílias e os estigmatizava perante o meio social e do trabalho. Tudo isto sem falarmos de modo muito extenso do drama íntimo destas pessoas, se sentindo desamparadas e desprotegidas. O desamparo é a dolorosa verdade de nossa condição desde o nascimento, gerando para quase todos nós uma sensação desesperadora; buscamos sua atenuação através do aconchego que sentimos quando nos percebemos integrados em algum grupo, coisa que no passado era quase que sinônimo de constituir família e viver no seu seio (a própria expressão "seio familiar" demonstra o desejo de aconchego, de proteção para as angústias que sentimos desde pequenos). De uma forma genérica, pode-se dizer que solidão ficou associada ao desespero do desamparo e vida em família aparecia como o remédio para este sofrimento, conveniente quaisquer que fossem seus efeitos colaterais.

De repente, poucas décadas depois, as coisas se modificaram completamente, apesar de que nossas mentes vivem as alterações com um certo retardo, ao menos quanto ao julgamento que fazemos das próprias vivências. É comum que se continue a falar de viver só como coisa triste, como sinônimo de solidão (abandono, desamparo, rejeição social e vida pobre e reclusa). Mas a grande verdade é que os fatos não confirmam estas palavras.

Tanto as pessoas que ficam solteiras até mais tarde como aquelas que se casaram e depois se divorciaram são tratadas com a maior consideração social, ao menos na maior parte das vezes. São, isto sim, objeto da inveja da maioria das pessoas casadas e atormentadas por compromissos que lhes restringem as vontades e os direitos. E se elas são rejeitadas em alguns ambientes constituídos por casais, isto é devido ao fato de serem percebidas como ameaçadoras ou à precária estabilidade de certos vínculos (a pessoa disponível pode encantar a um dos cônjuges) ou então como um perigoso exemplo que poderá ser seguido (o que, implicitamente, significa que os casais consideram a pessoa solteira como estando "numa boa").

Pessoas sozinhas vivem, em geral, em apartamentos pequenos - ao menos os que não têm filhos ou não vivem com eles - cuja manutenção é fácil e pouco dispendiosa. Têm todo o tipo de conforto moderno para seu entretenimento: aparelho de som, videocassete, livros, etc.; é bom percebermos que as pessoas casadas também passam a maior parte do tempo em que estão em casa em atividades deste tipo e não conversando ou namorando. Experimentam a agradável sensação de poderem se deitar à hora que quiserem, ler na cama ou assistir televisão sem que ninguém as atormente, ligar o ar condicionado se estiverem com calor ou se cobrirem com mantas grossas se estiverem com frio. Ao acordarem, não terão que andar pé ante pé para evitarem barulhos - e os gritos correspondentes. Se têm fome podem comer em casa ou ir a um dos milhares de restaurantes disponíveis; mas podem decidir não comer, não tem hora marcada em caráter permanente com ninguém para o jantar. Em geral têm um carro a sua disposição e podem visitar pessoas, freqüentar bares, paquerar, encontrar alguém que esteja no momento lhes interessando, podem viajar nos fins de semana e decidir isto de uma hora para outra sem ter que dar satisfações ou pedir permissão para ninguém (15).

Pessoas solteiras podem ter amigos e amigas sem estarem sujeitas às repressões ciumentas e inseguras do cônjuge. Aliás, cultivam este tipo de relacionamento afetivo em tudo muito parecido com o amor, apesar de ser de intensidade menor e talvez por isso mesmo menos possessivo e menos

exigente - de modo sistemático e se amparam muito através destes vínculos múltiplos e agradáveis (não deixa de me espantar muito, até hoje, a negligência da psicologia quanto ao estudo desta emoção). Saem juntos com os amigos, vão a cinemas, discutem suas experiências pessoais. falam das pessoas conhecidas em comum, jogam cartas, tudo de modo muito agradável e respeitoso, pois nestas formas de ligação as cobranças não são aceitáveis. Quando de sexos opostos, podem muitas vezes ter intimidades físicas, esporádicas e que não implicam em alterações das regras de convívio (é o que se chama de amizade colorida, tipo de vínculo que acredito tenda a existir cada vez com maior freqüência).

Homens e mulheres solteiros não têm as dificuldades de antigamente para o exercício de suas vontades sexuais. Nos namoros - ligações afetivas iniciais e onde as regras de recíprocas obrigações ainda estão se formando - as práticas sexuais são hoje a norma. Viajam juntos, se conhecem em todos os sentidos, passam um tempo juntos e para aqueles que estão convictos de que o viver só é bom (o que, em nível inconsciente, é bastante comum) as coisas ficam assim mesmo; ou seja, se vive o prazer da agradável companhia sem que haja a tendência para a divisão do cotidiano, dos problemas, da vida financeira, etc. Quando o encantamento se esvazia, se separam e cada um vai à procura de novos parceiros, de novos amigos, de novas aventuras.

E evidente que as pessoas que vivem sozinhas têm que conviver com os momentos de desamparo; se conseguirem suportar esta dor sem se desesperarem, percebem que ganham como recompensa uma enorme sensação de liberdade, que seria a contra partida positiva do que antes era chamado de solidão (que é o que se sente quando o desespero toma conta da pessoa). Não se pode deixar de pensar de modo sério a respeito do fato de que a qualidade de vida das pessoas solteiras é, na atualidade, muito boa; e, como regra, bastante melhor do que a que se constata na maioria dos casais, sendo isto mais um importante agravante para as tensões da vida a dois. E agora, diante destas observações, o casamento como fica?

X. E O CASAMENTO, COMO FICA?

Os que têm me acompanhado nesta empreitada de tentar entender o que está acontecendo com nossas vidas privadas nestes anos 80 sabem que considero que a vida em comum está passando por um péssimo pedaço, exatamente na mesma época em que a qualidade da vida das pessoas solteiras vem melhorando muito. Pode parecer inevitável que se esteja vivendo os últimos tempos da família como instituição básica, uma vez que ela não é mais necessária à sobrevivência da espécie (as mulheres podem se sustentar, podem não ter filhos, o Estado pode se encarregar de manter as condições mínimas de vida para todos, etc.) e tem proporcionado um modo de vida monótono e repressivo. Porém, penso que esta conclusão é bastante precipitada e radical; se baseia na idéia de que um determinado estilo de vida milenar será substituído por outro, que será seguido por todo o mundo. Não é esta a tendência do nosso tempo nem mesmo no que diz respeito ao modo de nos vestirmos; a partir dos anos 70 temos convivido com uma multiplicidade de estilos de roupas e creio que isto se estenderá para todas as áreas de nossa existência, mesmo para aquelas onde os preconceitos tendem para uma visão rígida e dogmática. Muda o mundo objetivo e o homem se adapta a este novo mundo que ele próprio criou (16).

As pessoas que vivem sozinhas não deixaram de ter anseios de natureza amorosa; convivem melhor com o desamparo, estabelecem vínculos menos exigentes, eventualmente múltiplos e de vários tipos, mas gostam de se sentirem ligadas, juntas. Além de ser importante atenuador do desamparo, a intimidade física e intelectual própria do encantamento amoroso é uma das experiências humanas mais ricas, prazerosas e gratificantes. Não creio que isto será diferente, ao menos para um grande número de pessoas; hoje em dia, a maioria das criaturas continua a preferir vínculos estáveis e duradouros às aventuras passageiras (ainda que estas sejam também muito agradáveis, especialmente quando eventuais e não como hábito cotidiano de vida). As pessoas solteiras são mais independentes e auto-suficientes - isto até mesmo por necessidade de sobrevivência. Não precisam de um companheiro, mas

continuam a desejar sua existência. Pode-se dizer que o amor está deixando de ser uma necessidade vital mas não deixou de ser um desejo muito intenso.

Se o amor é necessidade, se paga qualquer preço pela companhia; como desejo, as coisas são diferentes, pois não se trata de questão de vida ou morte, especialmente na era do prazer (na qual já entramos sem nos apercebermos) em que nossa capacidade de fazer concessões diminui muito. A coabitação nos moldes tradicionais se tornou um preço alto demais para um grande número de pessoas, não por não desejarem uma vida em comum mas por suas tensões e exigências. Se isto se alterar, se pudermos compor uma vida afetiva onde o saldo seja positivo, acredito que esta será a opção de muita gente. O que existe, pois, é a necessidade de reformularmos os conceitos que temos tanto a respeito do amor como do casamento; a questão é intrincada, pois muitos dos hábitos repressivos próprios da vida conjugal tendem a aparecer também nas ligações afetivas entre solteiros. Teremos que considerar as peculiaridades nocivas da forma como vivemos o sentimento amoroso e também como elas se agravam quando se compõe as associações matrimoniais.

Precisaremos aprender uma nova forma de amar e levar suas concepções para o novo casamento. Teremos que nos adaptar aos nossos tempos, e de modo mais ou menos rápido, apesar de não acreditar ser prudente subestimarmos as dificuldades. Algumas sugestões e propostas serão esboçadas nos artigos seguintes, apenas a título de início de reflexão; os tempos modernos exigem de nós inventividade e busca de soluções mais personalizadas e não de novos clichês.

Mas se a vida das pessoas sozinhas está tão mais fácil e gratificante e se a vida conjugal está tão fortemente determinada por rígidos preconceitos e condicionamentos que tornam difícilimas quaisquer mudanças, por que nos jogarmos nesta empreitada de buscarmos novas maneiras para o amor e o casamento? Por que não vivemos sozinhos e pronto? Por que irmos atrás de caminhos mais difíceis se há outros mais fáceis? Nem todos acharão oportuno tal esforço; aqueles que se satisfazem com vínculos mais frouxos e múltiplos ou que encontraram outras formas de atenuar a dor do desamparo não se

empenharão nesta empreitada, que, de fato, não é obrigatória. Mas para os que têm como opção o estabelecimento de vínculos mais estáveis e estreitos - quer sejam matrimoniais ou não baseadas no encantamento amoroso terão que buscar estes novos caminhos, pois se apenas tentarem reproduzir os padrões milenares estarão condenados antecipadamente ao fracasso. E mais, estes novos caminhos implicam, a meu ver, num brutal esforço de amadurecimento pessoal, de independência e auto-suficiência, condição indispensável para que o amor entre no domínio do desejo e não da necessidade (17). Para que o amor seja o mais gratificante dos prazeres, a mais rica fonte de alegria é necessário que ele deixe de ser vivido como vital; nesta última condição, a emoção é séria, geradora de ansiedade e de inseguranças. Na era do prazer o amor terá que ser a grande alegria e não a fonte inspiradora das grandes tragédias, da dor e do sofrimento (um parente da morte).

Não creio que o amor implique obrigatoriamente em casamento, em coabitação e penso mesmo que este é apenas um dos dogmas que regem nossas mentes. Mas não vejo como inevitável o fim deste tipo de vida afetiva, do mesmo modo que não acho inevitáveis as conseqüências funestas do casamento conforme já descrevi. Acho que as pessoas terão que aprender a refletir com autonomia e saber quais são os seus objetivos pessoais, suas pretensões; em função delas, buscarão as formas práticas de viver. O que não pode continuar a ser verdadeiro é que o casamento seja prova de amor, a única conseqüência de um amor bem sucedido e correspondido; e muito menos que ele seja vivido como sinal de vitória, de se ter finalmente dominado o outro. Do ponto de vista do prazer, o amor é um fim em si mesmo, ao passo que o casamento é uma opção de modo de vida, compatível com certos temperamentos e com certos projetos pessoais e provavelmente incompatível com outros (17).

Apenas como um exemplo ilustrativo e de grande importância, valem algumas considerações sobre a questão da reprodução. Para as pessoas que desejam muito ter filhos - e isto não é obrigatório, mas também não é proibido me parece bastante claro que a coabitação é uma decisão de bom senso. Para

o bem estar das crianças - e também dos pais que, quando têm filhos por gosto e vocação, se apegam muito a eles - é de grande valia a vida em comum. Marido e mulher dividem as responsabilidades e o trabalho educacional; compartilham das alegrias de acompanharem o crescimento dos seus filhos, sendo que estes se sentem melhor protegidos e amparados nestas condições do que quando vivem apenas com a mãe (ou o pai). Nem mesmo a divisão tradicional das tarefas - o homem cuidando da sobrevivência e a mulher da casa e dos filhos - deveria ser objeto de chacota e ironias, pois pode muito bem ser uma solução gratificante para certos homens e mulheres. Não há soluções prontas para os dilemas humanos e, dentro dos limites da biologia, devemos e podemos exercer nossa imaginação. Se formos fortes o suficiente para nos livrarmos das amarras impostas pela tradição e que nossos tempos não podem mais absorver como verdades absolutas, estaremos prontos para buscar formas originais de viver, um privilégio que a nossa geração não deveria abrir mão. Nada é impossível, nem mesmo que sejamos capazes de construir uma vida conjugal gratificante e de acordo com nossas expectativas.

XI. UM APELO LIBERTARIA

Estamos acostumados a pensar de modo estereotipado, por tentar catalogar todos os acontecimentos dentro das categorias do certo ou errado, do bom ou mau, do virtuoso ou defeituoso, etc. Não sabemos nos orientar diante dos fatos a não ser através do esforço de enquadrá-las em um dos lados; não sabemos olhar com isenção moral. E o nosso código de valores - como regra aprendido de nossos pais, que aprenderam dos seus - na prática funciona mais ou menos assim: quem agir como nós agiríamos é virtuoso, bom, certo; se a conduta foi diferente, ela é errada, má. Ou seja, o padrão de referência para avaliação, é cada um de nós, o que significa afirmarmos que nos achamos os mais bem dotados, os donos da verdade. A toda hora ouvimos alguém dizer: "tal atitude é errada; eu, por exemplo, não agiria assim"; acontece que "eu" não sou exemplo de nada, sou apenas uma criatura dotada

de certas propriedades inatas de inteligência, que experimentou vivências peculiares e concluiu de uma maneira única sobre as coisas (ou aderiu a alguma das doutrinas pré-estabelecidas).

Nossas conclusões só valem para nós mesmos, sendo apenas mais uma manifestação de arrogância nos tomarmos como padrão de referência e nos deliciarmos com o julgamento das outras pessoas que, para serem virtuosas, devem se comportar segundo nossa imagem e semelhança. O próprio processo educacional é deste tipo, sendo os bons filhos aqueles que acatam a maneira de ser e de pensar dos pais. Serão recompensados com o amor deles; e como isto lhes é vital - pois senão se sentem desamparados tratam de abrir mão do seu legítimo direito de concluir com autonomia. Não tenho uma visão anárquica e radical do mundo, de modo que não estou insinuando que não se deva ensinar às crianças as regras mínimas de educação e, principalmente, de respeito aos direitos das outras pessoas (coisa que, hoje em dia, nem sempre é ensinada). Questiono a tendência autoritária dos pais de quererem que seus filhos cresçam e acreditem nas suas crenças, vejam o mundo segundo os seus olhos. E, o que é mais grave, que se passe a idéia de que pensar com independência e concluir de modo ímpar implica em abandono, desafeto e solidão; que para ser amado um indivíduo tenha que renunciar à sua autonomia, à sua individualidade. E se as coisas são assim em casa, que dirá lá fora?

O processo de pensar autoritário está baseado em inseguranças pessoais e na vaidade, prazer erótico que infelizmente contamina também nossa racionalidade. Assim sendo, eu, como todo o mundo, acredito que minhas idéias e meu modo de encarar a vida e as pessoas é o mais sábio e melhor. Cada vez que uma pessoa não concorda conosco, experimentamos uma sensação de irritação; ou nos sentimos desprestigiados ou nos defendemos ao achar que a outra criatura é estúpida e não pensou com a devida profundidade sobre o assunto. Assim sendo, a discordância ofende à nossa vaidade e desenvolve em nós uma vontade de agredir o outro; ou então surge o desejo de nos impormos a ele, quer pelos argumentos ou através da intimidação. A ofensa à vaidade se soma à insegurança pessoal, o que é o

mesmo que dizer, que nos sentimos sozinhos, desprotegidos. A concordância de pontos de vista nos faz sentir próximos do outro, aconchegado, ao passo que a discordância nos faz sentir abandono, traição, medo. Não é difícil percebermos também que quanto mais significativa - do ponto de vista emocional - for a pessoa, mais a discordância nos abala; nos casais são freqüentes enormes brigas por causa de pequenas divergências de ponto de vista, pois elas são vivenciadas como alta traição, abalando os alicerces das ligações onde a dependência é muito grande.

Me surpreendo sempre que alguém diz que uma pessoa tem "gênio forte" porque é autoritária, agressiva e exige que todos se comportem de acordo com ela. Nada é mais falso do que esta interpretação, sendo a verdade exatamente ao contrário; o tipo humano prepotente é uma criança mimada que não pode ser contrariada porque se sente abandonada e não suporta esta sensação nem por um segundo; faz qualquer tipo de pressão e de chantagem emocional para ser obedecido, cai no ridículo com facilidade apenas em decorrência de suas inseguranças pessoais máximas. E de nada vale a aparência de firmeza e auto-suficiência, a atitude de se achar legal e dizer que "se ama", pois isto é um disfarce grosseiro. As pessoas que aceitam melhor o desamparo e que não fazem qualquer negócio para serem amadas são exatamente aquelas que não tentam impor suas convicções; são mais serenas, menos preconceituosas, mais capazes de gostar das que pensam de modo diverso, apesar de também acharem seus pontos de vista os mais corretos e de eventualmente defendê-los com doçura ou mesmo com veemência. Também é de constatação imediata que as pessoas mais respeitadas e tolerantes para as divergências são, mesmo nos nossos dias, a exceção.

Os cacoetes autoritários aparecem rapidamente também no seio dos movimentos novos, ao menos em princípio, libertários. Assim, os jovens que se revoltam contra a massificação da sociedade de consumo e agem compondo um sub-grupo marginal (onde certas drogas são aceitas e mesmo endeusadas) em pouco tempo estão tão estereotipados quanto o que eles criticaram - tanto assim que se reconhecem à distância. Reassumem a postura arrogante de donos da verdade e tratam os "caretas" com o desprezo que os de cima devem

aos de baixo. Ideologias políticas, seitas religiosas, práticas sexuais, tudo em fim que for o fator de união de um grupo (especialmente se for minoritário) passa a ser o novo valor, a nova verdade; e quem ainda não enxergou a nova "luz" é o fraco, o pobre de espírito. Não é por este caminho que chegaremos a alguma coisa de produtivo para as relações humanas.

Este apelo libertário é geral e se funda na proposição de que nos livremos das prepotências intelectuais, fruto de nossas fraquezas pessoais. Seu objetivo é o respeito pelo direito do outro de pensar segundo ele próprio e de agir como pensa, desde que não ofendendo os iguais direitos de todos nós. Mas no caso particular das nossas vidas afetivas e sexuais, a questão é da maior relevância e eu penso que deveríamos recuperar com urgência o atraso de nossas reflexões em relação ao que está ocorrendo. Toda a moral sexual tradicional está baseada no risco de gestações indesejadas; com o advento dos anticoncepcionais, ela caducou por inteiro. Não há como sustentar nenhuma regra de conduta nesta área, que passa a ser de livre opção das pessoas e de interesse exclusivamente delas.

Do ponto de vista da vida amorosa e conjugal, vale o mesmo raciocínio: na medida em que o casamento e a família não são mais uma necessidade para a sobrevivência da espécie e da vida em sociedade, deixa de ter sentido qualquer tipo de regulamentação que imponha às pessoas uma maneira específica de viver. De novo, cada um faz o que quiser, cada casal - quando for este o caso estabelece seu código próprio e que não vale como exemplo para os outros, que deverão buscar seus caminhos. E as fofocas e ridicularizações sobre a vida íntima das pessoas, tão ao gosto das conversas de salão, terão que se alimentar de outros ingredientes; as críticas diretas e principalmente as mais sutis são, com enorme frequência, determinadas mais pela inveja do que por sofisticadas considerações de ordem moral. A eventual falta de coragem da pessoa para fazer da sua vida algo mais atraente e gratificante é que deverá ser o tema de sua introspecção, sendo inaceitável que ela se transforme em acusações àqueles que tiveram a ousadia de construir sua própria maneira de gastar os poucos anos que temos para viver (18).

XII. AMOR OU AMIZADE?

Platão já nos alertou, há 25 séculos, que a palavra amor é usada com mais de um sentido (no "Fedro", um dos seus diálogos sobre este tema, que até hoje é muito negligenciado pela psicologia). Como pensamos através das palavras, isto pode dar margem a incríveis mal-entendidos. Da maneira como venho descrevendo esta emoção desde 1976, se trata do desejo de se estabelecer uma intimidade máxima e peculiar com outra criatura, desejo este que deriva da recíproca admiração. A forma como costumamos entender esta intimidade tem sido a da máxima dependência, da fusão de duas pessoas em uma só, uma espécie de recuperação da simbiose uterina (o que hoje em dia me parece mais uma manifestação infantil, imatura, do que algo da natureza desta emoção).

O objetivo amoroso pleno, ou seja a fusão bem sucedida, foi raramente atingida na vida real. No passado isto era devido ao fato de que tais encantamentos quase sempre se davam em oposição às regras que governavam as alianças matrimoniais; desta forma, os jovens apaixonados deveriam renunciar ao amor e se casar com aqueles aos quais estavam prometidos; paixões entre pessoas casadas tinham que ser vividas como clandestinas e incompletas em virtude da indissolubilidade do casamento. Quando, neste século, os jovens ganharam maior liberdade para a escolha do cônjuge, em geral o fizeram em torno dos 20 anos de idade e se uniram segundo diferenças grandes de temperamentos e caráter (devido ao fato de terem auto-estima baixa e só poderem admirar o seu oposto), o que redundou em envoltimentos superficiais e atritados. Pessoas mais velhas, já casadas, se apaixonam por afinidades e só de 20 anos para cá podem com certa facilidade, se livrar de compromissos anteriores e tentar viver por inteiro o sentimento.

Assim, pela primeira vez a paixão pôde se realizar na prática, deixar de ser conto de fadas ou estar sujeito ao trágico destino descrito na literatura séria. A fusão de duas pessoas em tudo semelhantes, o prazer derivado deste encontro com a outra metade é um sonho que já pode se realizar; e mais, já podemos saber de alguns dos seus desdobramentos. A palavra paixão está

sendo usada como encantamento amoroso máximo associado a fortes manifestações de insegurança e medo de perder o outro (o que gera as palpitações é o medo e não o amor). Seu caráter altamente possessivo se manifesta através do afastamento social do casal apaixonado, que com frequência sonha com uma vida reclusa em algum lugar deserto. As pessoas se sentem tão completas, tão gratificadas em todos os sentidos - inclusive o da vaidade de ser o máximo para o outro - que não sentem necessidade de amigos, de sucesso no trabalho, de dinheiro e outros aspectos que possam nos prestigiar. Um basta para o outro.

Se reencontra, desta forma, o paraíso perdido. As concessões são poucas por causa das afinidades e também porque o grande desejo, de ambos, é fazerem tudo juntos. Nada disto é sentido como restrição à liberdade individual, pois a vontade efetiva é de estarem sempre juntos. Nada é tedioso, pois a presença do amado dá graça até ao mais trivial. Os obstáculos externos - em geral relacionados com os problemas das vidas de cada um antes de se encontrarem - são até um fator de união, um inimigo em comum. Aqueles que tiveram a coragem e a felicidade de experimentar estas emoções, viveram em concórdia por alguns anos, um sendo o sentido da vida do outro, um sendo o alimento básico da vaidade do outro.

De repente, começam a surgir anseios de individuação, de maior independência, de se desfazer a relação possessiva. E isto é percebido com muita dificuldade, pois parece uma traição aos ideais românticos antes tão fortes. É provável que o mecanismo seja o seguinte: a própria realização amorosa determina um enorme desenvolvimento pessoal (amadurecimento) de tal forma que o desejo amoroso perca sua importância original, ou pelo menos tenha que ser repensada em termos novos. Em uma frase: a realização amorosa determina a "cura" de mágoas infantis e definitivamente fica cicatrizado o cordão umbilical (que, do ponto de vista emocional, é ferida aberta para a maioria dos adultos). Com esta modificação no estado de espírito, a vida com tudo em comum e grande exclusividade passa a ser sentida como sufocante, massacrante mesmo. Se os casais não se aperceberem deste processo, podem desenvolver uma irritação recíproca

enorme e com frequência encaminham suas vidas para a separação a pretexto de divergências até há pouco tempo irrelevantes.

Não deixa de ser curioso que o resultado da plena realização amorosa seja o aumento do desejo de individuação, pois jamais se poderia suspeitar que era isso que viria depois do "casaram e foram felizes para sempre". Porém, pensando bem, é bastante lógico que assim seja, pois o encontro amoroso é a resolução das mágoas e inseguranças de nossos anos de formação (trauma do parto, separação da mãe no período Edipiano, etc.). E o que vem depois de se viver bem a ligação dual é a individualidade, o buscar se resolver como ser independente. Devidamente entendida esta inesperada reversão do processo amoroso, sobra no casal um enorme prazer na companhia um do outro; a sensação de se ser muito importante um para o outro, mas não mais o único. Isto, é claro, depois que se reorganiza a vida em comum de modo a adequá-la aos anseios mais egocêntricos agora percebidos como fundamentais e essenciais (19).

Prazer grande na companhia um do outro, importância menos vital um para o outro, isso entre duas pessoas mais independentes e auto-suficientes, é uma emoção que se poderia chamar de amizade. Esta palavra também é usada, de modo indiscriminado, para meros conhecimentos sociais. Amizade real implica em grande intimidade, confiança recíproca, identidade relativa de pontos de vista e visão de mundo, em se achar uma graça especial na outra pessoa, seu jeito de falar, de contar piadas; tudo isto determina um enorme desejo de se estar junto com frequência para qualquer tipo de programa (também irrelevante aqui, pois a graça é a companhia por si). A amizade, segundo penso, se distingue do amor, por conter uma carga bem menor de vaidade; de único se passa a muito importante. Em contrapartida, as exigências e cobranças se atenuam na mesma proporção.

Talvez seja apropriada a afirmação de que a amizade é uma manifestação mais adulta do anseio amoroso. Relações de amizade existem também entre pessoas que sonham com o amor pleno e de fusão, mas como vivências paralelas, secundárias. Se manifestam, por exemplo, entre pessoas do mesmo sexo e que vivem relações amorosas (satisfatórias ou não) com o

sexo oposto. Muitas são as pessoas casadas que têm mais prazer na companhia de certos amigos do que do próprio cônjuge; confiam mais neles, se sentem mais à vontade com eles, não se sentem cobrados ou julgados (coisa que só o amor, como o costumamos pensar, nos autoriza a fazer). Seria mais razoável pensarmos que o principal requisito para se viver junto fosse exatamente o de duas pessoas serem profundamente amigas.

Estamos acostumados a pensar que a peculiaridade da amizade seria a ausência de desejo sexual, o que acredito ser verdade para a maioria das relações entre pessoas do mesmo sexo (acho que devemos parar de ver homossexualidade latente em todo o canto). Na medida em que estão se desfazendo os tabus milenares, temos visto o surgimento das amizades coloridas que, se na maioria dos casos é apenas um nome novo para antigas técnicas de sedução, aos poucos se estabelece como algo original e viável. Afinal de contas, por que não trocamos carícias eróticas com alguém que nos agrada como companhia?

XIII. AMOR, AMIZADE E LIBERDADE

O amor romântico, o vínculo dual de fusão, finalmente pode sair do mundo da fantasia e se tornar realidade. Isto graças ao aumento da liberdade individual que o desenvolvimento da ciência e da técnica nos tem proporcionado pelo menos até agora - até há poucas décadas a previsão era exatamente o contrário, isto é, que estaríamos completamente robotizados e reprimidos em nossas vidas privadas. É fascinante o processo: uma liberdade maior permite a expressão do amor antes sonhado e, num instante seguinte, se opõe a ele e o torna inviável (ou pelo menos de duração limitada, com isto se opondo a uma de suas peculiaridades, o de ser "eterno"). Isto porque a fusão dual é altamente possessiva, determina o desejo dos que se amam de estarem o tempo todo juntos, pensarem da mesma forma sobre todos os assuntos relevantes, serem a essência da vida um do outro, coisas incompatíveis com os projetos individuais e com as vontades próprias que o

mundo de maiores opções nos proporciona e nos determina.

Assim, a não ser na fase inicial de encantamento, o amor romântico se opõe à liberdade; mas o faz de uma forma que terá que ser melhor entendida. Apenas como exemplo do que gostaria de mostrar, registro que muitas pessoas casadas, vivendo vínculos insatisfatórios e cansados, ao se apaixonarem por outra criatura, experimentam a emoção do amor como libertária, pois ela surge como algo fora da norma, como transgressão, além de que a obsessão de estar junto da pessoa amada é sentido como livre expressão da vontade. Se esta nova ligação vier a ser a única (rompidos os compromissos anteriores dos envolvidos) ela tende para ser altamente repressiva e limitadora da individualidade, coisa que só costuma ser percebida posteriormente.

Me parece bastante claro que nos tempos atuais os desejos libertários prevalecem sobre os românticos, ao menos para a maioria das pessoas. O termo romântico está sendo usado para descrever a forma de amor possessivo e exigente com a qual tantas gerações sonharam e nós pudemos viver; anseios amorosos persistem na subjetividade de quase todos nós, em geral de modo pouco claro quanto à sua realização, pois tentamos encontrar um novo caminho que não o incompatibilize com a liberdade pessoal. Para que uma criatura possa pretender ser livre ela terá que se empenhar na rota de independência, de uma relativa auto-suficiência; e isto não pode ser pensado de modo simplório associado apenas à independência econômica, pois senão teríamos que supor que os homens - em maior número se auto-sustentando - seriam mais amadurecidos do que as mulheres, o que não corresponde aos fatos. Independência é ser capaz de se sentir como criatura autônoma, ser capaz de conviver com o desamparo e a insignificância que esta condição nos faz sentir e sem entrar em desespero. E poder ficar só, poder ter um convívio razoavelmente harmônico consigo mesmo (20).

Se a individuação é precária e incompleta, o encantamento amoroso tenderá para a reconstituição dos vínculos de dependência próprios dos nossos anos de formação. Se ela for mais sólida, não sucumbirá e a ligação afetiva será mais parecida com o que chamamos de amizade, condição em que a

liberdade individual tenderá para ser preservada (apesar de que costuma ser prejudicada por vários condicionamentos culturais aos quais me referirei no próximo capítulo). É possível que muitas pessoas, hoje com mais de 30 anos de idade, só cheguem à individuação através de uma vivência amorosa adulta bem sucedida e que este seja o seu caminho para a maturidade; neste caso, o amor possessivo e repressor seria uma experiência emocional corretiva de mágoas anteriores e redundaria no crescimento individual e na liberdade. Outras pessoas chegarão a individuação por outros caminhos (posturas religiosas ocidentais ou orientais, retiros para meditação, etc.), ao passo que os jovens talvez já estejam mais adequados a este novo mundo em virtude de suas próprias vivências de infância e adolescência, não comparáveis com as de seus pais.

Quem não atingir um estado sólido de individuação ou terá que se afastar das vivências amorosas ou o fará de modo possessivo e dependente. Os mais auto-suficientes buscarão os vínculos respeitadores da liberdade individual; esta é a minha previsão para os próximos anos, sujeita, é claro, aos equívocos a que está arriscado aquele que emite sua opinião.

Gostaria de reforçar o caráter absoluto do conceito de liberdade; não creio que uma pessoa possa ser mais ou menos livre; poder fazer determinadas coisas e não poder outras não é liberdade. Também acho que não cabem expressões como: "eu dou toda a liberdade à minha mulher". Liberdade não é algo que alguém me dá; eu é que me atribuo, eu é que me sinto com direito a ela, sendo que me afastarei das pessoas que me restringirem algo que considero legítimo direito meu. Assim, no que diz respeito à vida conjugal, não estou repetindo a proposta, feita nos anos 60 nos USA, do casamento aberto, conceituado bem dentro do que seria uma "liberdade relativa". Estou pensando num novo casamento (ou num novo namoro, pois não creio que existam diferenças entre estas duas situações do ponto de vista de que estou discutindo), numa aliança entre duas pessoas que têm enorme prazer na companhia e convívio um com o outro, mas que não são dependentes um do outro, e que continuam a ter sua maneira de ser e de pensar. Estou pensando num novo casamento em que ninguém é dono do

outro e que, portanto, ninguém tem direitos sobre o outro.

O novo romance, conforme eu consigo enxergar (e que será apenas uma das possibilidades de vida afetiva, uma vez que já repeti várias vezes que a multiplicidade de opções é a tônica e o encanto de nossa era do prazer) é uma ligação entre criaturas adultas que optaram por uma vida em comum por prazer e não por necessidade. Para que ela seja prazerosa, terá que garantir os direitos de cada pessoa: direitos de locomoção, direito de opinião, de querer ficar só, de ter outros anseios sexuais (que, diga se de passagem, não são obrigatórios, pois liberdade é termo bastante mais amplo do que liberdade sexual), de cultivar amigos em separado, direito de falar de si e também direito de se calar.

Para que o novo romance não seja uma utopia - ou não vire apenas um novo sonho para os que vivem o sufoco da repressão -, é básico que tenhamos atingido um grau de maturidade e de individuação. Mas é fundamental também que tenhamos nos adestrado na arte do respeito humano, ou seja, na capacidade de atribuímos ao outro e a nós mesmos iguais direitos. Não podemos nos sentir pessoalmente ofendidos com as atitudes e vontades do nosso companheiro apenas porque elas nos excluem ou não coincidem com a nossa (o que seria pura manifestação da vaidade de quereremos ser a única coisa importante para o outro). Não podemos continuar a depreciar o outro quando ele não pensa como pensamos e não se comporta segundo nossas convicções, pois se quisermos ser livres e independentes teremos forçosamente que reconhecer iguais direitos aos outros (21).

A mim aparece como fascinante e otimista a perspectiva futura da nossa condição - ameaçada, é claro, pela destruição nuclear, uma possibilidade nada remota. Concordo com A. Koestler quanto ao fato de que vivemos um momento decisivo e radical. Se o resultado for o positivo o homem será livre e respeitoso; e o mundo, quer se queira quer não, será um outro mundo. Se for negativo, estará terminada a trágica história do nosso Planeta.

XIV. O NOVO ROMANCE E OS CONDICIONAMENTOS CULTURAIS

Nós usamos com frequência a expressão "condicionamentos culturais" como algo que está dentro de nós e nos impulsiona para certos comportamentos de modo automático e impensado. Mas acredito que não percebemos a gravidade e a profundidade de tais processos que se estabelecem em nós; é uma espécie de amestração, similar àquela que impomos aos cachorros, por exemplo. A transgressão destas normas aprendidas (em nós inocula das através da intimidação, da ameaça de castigos físicos ou, o que é mais grave, de desafetos) nos provoca um estado de pânico em certos casos ou de perplexidade em outros. Alguns condicionamentos foram um dia lógicos e razoáveis e outros têm suas origens em processos poucos compreensíveis; minha geração, por exemplo, tinha pavor de comer manga com leite, pois se dizia que isto matava; e todos obedecemos a este "mandamento", do mesmo modo que as moças não lavavam a cabeça quando estavam menstruadas.

A vida em comum de um homem e uma mulher era algo estabelecido de acordo com condicionamentos fundados no tipo de vida que se vivia no passado, e que era essencialmente pacata ao menos aos nossos olhos de hoje. Se estava sempre junto, se dormia e se acordava na mesma hora, a mulher preparava o café para o marido, sentava com ele à mesa e só ia tratar de seus afazeres quando ele saía para o trabalho. Além de pacata, a época era a do reinado do homem, cabendo à mulher um papel submisso; e isto essencialmente imposto pela dependência econômica da família em relação ao homem, possuidor de maior força física que o adequava tanto para o trabalho como para a dominação repressiva. Se vivia de modo embolado e o homem deveria ser prestigiado o tempo todo pelas crianças (que lhe pediam a bênção de um modo reverente) e pela mulher (que o servia e lhe dava atenção todo o tempo).

Os tempos são outros, o progresso técnico fez a vida completamente diferente e abriu as portas para a emancipação da mulher, coisa que deveria

ser saudada com alegria principalmente pelos homens, finalmente liberados dos encargos maiores de luta pela vida. Mas não, o que se verificou é que eles vivem estes primeiros anos da nova era com uma profunda mágoa, especialmente por terem perdido as regalias milenares pelas quais pagavam tão caro e também por estar tudo em desacordo com aquilo que aprenderam que deveria ser a vida em família. Assim, os homens ficam completamente transtornados quando chegam em casa e suas mulheres não estão à sua espera, ainda não chegaram de suas atividades. E não é nada relativo a ciúme, pois se elas chegarem 5 minutos antes está tudo bem; é vaidade ferida e perplexidade diante do inesperado, do que é diferente daquilo que foi aprendido. A pouca consideração - às vezes exagerada - dos filhos, a desatenção da mulher o irrita profundamente; ele não se conforma com o fato das coisas não estarem de acordo com aquilo que presenciou na casa dos seus pais e seus avós.

A verdade é que os condicionamentos culturais, tão fortes e nem sempre bem detectados por nós mesmos como tais, nos fazem profundamente conservadores; repetimos trajetos que não mais nos convém apenas porque estamos habituados a eles, sendo que nos sentimos inseguros diante de situações novas; por isso nem sempre somos capazes de avaliar seus aspectos positivos. A emancipação feminina, além de libertar a mulher da submissão milenar, só é benéfica para os homens, pois estes podem ter nas suas companheiras criaturas adultas que podem lhes ajudar dividindo os pesos do trabalho e das decisões. Acredito que esta tendência conservadora é que seja a responsável pelo atraso que sempre se verificou entre a alteração do meio externo e a nova postura do ser humano, mesmo quando a novidade é mais gratificante (22).

E evidente também que com a nova condição feminina a vida em comum tradicional na qual a mulher seguia os passos do homem, e a ele servia, não tem mais a menor possibilidade de existir. Agora são duas as cabeças pensando com autonomia e por isso mesmo mais que nunca o respeito humano terá que ser a tônica da relação conjugal, ao menos para aqueles que quiserem preservá-la. Existe, na psicologia feminina, um

condicionamento curioso que leva a mulher, ao se apaixonar, a tratar de se dedicar ao seu homem exatamente de acordo com os padrões arcaicos; ela vira "satélite" e passa a gravitar em torno dele; se interessa por suas coisas, quer ajudá-lo mais do que desenvolver suas tarefas pessoais, quer fazer comidas especiais para ele, etc. Esta atitude, que encanta os homens, é claro, dura um certo tempo, até que de novo reaparece o anseio de individuação da mulher, coisa que poderá, ser vivida pelo homem como grande frustração. Não creio que se deva levar a sério esta "tendência" feminina no amor como algo próprio de sua psicologia, sob pena de não nos apercebermos de que se trata apenas da repetição compulsiva de uma velha história.

Nossa tendência conservadora nos leva até mesmo a não pensarmos em certas soluções para dificuldades, pois elas estariam fora do que aprendemos, coisa que nos causa medo - muitas vezes relacionado com o temor da opinião das outras pessoas, o que significa medo do desafeto. Assim, um casal com hábitos noturnos incompatíveis um que goste de ler na cama e dormir tarde e outro que goste de dormir no escuro e acordar cedo, um que ronque e outro que tenha sono leve, etc. - é capaz de passar a vida inteira em recíprocas irritações mesmo quando tenham, ao lado, um quarto vazio. Não podem sequer imaginar dormirem em quartos separados, pois aprenderam que isto era indício de desamor, de início do fim do casamento. Foram poucas as pessoas que aceitaram a idéia de dormirem em camas separadas - quase sempre colocadas grudadas uma à outra - mesmo quando existam óbvias incompatibilidades térmicas no casal (hoje agravadas pela existência do ar condicionado, em geral agradável a um e irritante ao outro).

Nossa capacidade de fazer concessões diminuiu muito nos últimos tempos, mais voltados para o prazer do que para o sacrifício. Nossos anseios de liberdade individual cresceram em função de uma individuação e maturidade que aos poucos temos conseguido. Não podemos permitir que ridículos condicionamentos culturais, totalmente obsoletos para os nossos dias, ainda percorram nossas mentes e limitem nossas possibilidades de transformar a vida cotidiana em algo agradável e atraente. Uma cama, duas camas, quartos separados, casas separadas, tanto faz; o importante é que as pessoas

se entendam e o viver junto não implique em suplícios e monotonia depressiva.

Não há como, para os tempos atuais e com o homem e a mulher independentes, nos comprometermos a tomar café da manhã juntos todos os dias, jantarmos juntos todas as noites até que a morte nos separe. Não podemos ser criaturas livres e estarmos compromissadas para sempre com rituais impregnados em nossa memória. Memória de tempos recentes que muitos de nós ainda viveu durante a infância e a mocidade; mas que são tempos que não voltam mais. Acho que os novos casais, vivendo o novo romance, vão marcar encontros segundo suas possibilidades e vontades, da mesma maneira como se age nas amizades, uma condição para que o prazer da companhia possa sobreviver por longo tempo e não se confundir com rotina massacrante.

XV. NÃO SUBESTIMAR AS DIFICULDADES

Quase sempre que se pensa sobre a condição humana aparece ou uma tendência pessimista e sem esperança ou seu inverso, um otimismo pueril e que acha tudo fácil. Não vejo as coisas de uma maneira negativista, pois seria arrogância pensar que se não encontramos soluções para determinados dilemas é porque elas não existem; significa apenas que ainda não fomos capazes de encontrar os caminhos mais adequados, coisa que poderá acontecer a qualquer momento. Não vejo as coisas de uma forma simplória, acreditando em Papai Noel, pois nem sempre boas idéias são exequíveis na prática. Eventuais avanços no desenvolvimento da vida psíquica e das relações interpessoais dependem de novos conceitos e também de nos ocuparmos em estudar as dificuldades concretas para a sua realização efetiva.

O novo romance, a meu ver uma forma de vínculo mais de acordo com o mundo real em que vivemos e com os crescentes anseios de liberdade individual que ele determina em quase todos nós, para deixar de ser uma idéia e se tornar um fato, terá que superar importantes obstáculos próprios de nossa atual vida subjetiva. Não me parece prudente subestimá-los, da mesma

forma que não acredito que para o ser humano eles sejam intransponíveis. O primeiro deles é a sensação forte de medo que experimentamos sempre que transgredimos algum mandamento dos nossos condicionamentos, da forma como aprendemos que a vida era para ser vivida. O medo foi a emoção que determinou o condicionamento (um dia obedecemos a uma ordem por medo das represálias, especialmente do desafeto), e ele surge de volta quando o quebramos. Teremos que ser fortes para enfrentá-lo, pois só nos livramos dele através da experiência (o medo de andar de avião só pode ser perdido ao se ter a coragem de entrar dentro dele, nunca antes). Coragem seria uma força racional, produto de uma convicção, capaz de nos fazer aptos para enfrentar o medo; só necessitamos da coragem para as coisas que nos provocam medo.

Uma outra dificuldade relacionada com o aumento da liberdade individual no seio dos vínculos afetivos seria o ciúme. Estamos acostumados a relacionar esta emoção como sendo um sub-produto inevitável do amor, um desejo e um direito de posse que daí deriva. Não creio que seja apenas isso, apesar de que é possível que exista uma certa tendência exclusivista própria da maneira imatura de amar, que é a que costumamos vivenciar mesmo na idade adulta. Acredito que o maior ingrediente possessivo - e mesmo depreciativo - próprio do que chamamos de ciúme tenha a ver com a inveja e a vaidade. Não queremos que o amado se desprenda de nós, se destaque e chame a atenção de outras pessoas porque isto pode nos deixar inseguros e temerosos de perdê-lo; mas também porque o seu destaque nos provoca inveja. Não queremos que o amado se relacione bem com outras pessoas porque nossa vaidade exige que sejamos a criatura mais importante para ele, a única fonte de graça e interesse; temos que nos sentir prioridade absoluta para o outro o tempo todo porque desta forma nos sentimos prestigiados, indispensáveis, significantes. Assim, vaidade e inveja não autorizariam comportamentos possessivos e castradores; então chamamos à mesma coisa de ciúme, a entendemos como prova de amor e desta forma estamos justificados para nossas ações destrutivas e limitadoras da ação do outro.

É muito importante que nos apercebamos de modo mais claro destes processos para que não nos enganemos com tanta facilidade. Convém citar um

exemplo para demonstrar que o ciúme não tem a relação direta com o amor que se costuma atribuir. Quando um homem se apaixona por uma mulher casada, ele costuma morrer de ciúme de todos os outros homens, menos do marido, com o qual ela efetivamente dorme junto todas as noites; é como se o marido tivesse mais direitos à mulher e aí o ciúme não cabe; o marido não ofende à sua vaidade ao passo que os outros sim. É como se tivesse criado uma hierarquia de posições, onde o marido está em primeiro lugar, o amante em segundo e os outros abaixo; o marido terá enorme ciúme do amante e este não sentirá o mesmo em relação ao marido (23). Além disso, me parece indispensável que paremos de pensar no ciúme como prova de amor, de ficarmos felizes ao percebermos sinais diretos ou indiretos desta emoção naqueles que nos amam, pois o preço que pagamos por este elogio à nossa própria vaidade é o fim da nossa liberdade.

Entre os obstáculos mais evidentes à possibilidade de homens e mulheres serem antes de tudo grandes amigos está a inveja entre os sexos. Até há poucas décadas isto era reforçado também por um padrão cultural de educação no qual meninos e meninas não se misturavam; eram dois grupos segregados, rivais; era o "clube do Bolinha" onde menina não podia entrar porque era boba, "inferior". Porém, segundo minha crença, a razão maior da inveja reside nas diferenças na natureza do desejo sexual, ativo e visual no homem; este sente fortes desejos de abordar as moças, que têm o poder de rejeitá-lo ou não, condição vivida pelo homem como de inferioridade, e por isso mesmo geradora de inveja. Acredito que a inveja original, primária, é do homem em relação à mulher, sendo que estas invejam também os homens pelas coisas que eles fizeram justamente para melhorar sua posição e impressionar a elas (especialmente relacionadas com atividades profissionais). A mais clara manifestação invejosa é a compulsão, tão comum na maioria dos casais, de tratar de mostrar, várias vezes ao dia, como o cônjuge é burro, incompetente, distraído, feio, etc.; se o intuito não fosse o de depreciar para minar a auto-estima do outro por causa da inveja - e não adiante se dizer que se tratam de "críticas construtivas" - e se fosse esta a efetiva opinião que se tem do outro, melhor seria fazer as malas e ir embora. Atritos permanentes

por pequenas coisas, desproporcionais à inteligência das pessoas envolvidas, são indício de guerra determinada pela inveja.

A compreensão das diferenças entre os sexos e a busca de conciliação com aquilo que se é ao invés da persistência em processos de comparação me parece o caminho para a resolução da inveja. Esta emoção também não está desvinculada da vaidade, pois corresponde a uma sensação de humilhação derivada da pessoa se sentir por baixo; e isto é vivido como uma agressão, uma ofensa ao orgulho, condição em que se desencadeia uma reação de caráter agressivo com o intuito de destruir - ou de rebaixar aquele que é percebido como maior. E como se não pudessemos suportar nada e ninguém maior ou melhor do que nós mesmos; nossa vaidade, desejo de destaque e proeminência, se fere com as "virtudes" do outro. Ao mesmo tempo só somos capazes de amar pessoas que admiramos exatamente por possuírem estas "virtudes". Insisto que a saída consiste em nos empenharmos no sentido de pararmos de usar critérios de comparação para a construção da auto-imagem, pois cada pessoa é um ser único e incomparável, com propriedades específicas que não deveriam sequer ser chamadas de "virtudes" ou "defeitos" (24).

Condicionamentos culturais, ciúme, inveja e vaidade se insinuam no nosso processo racional e lógico de pensar de modo sutil e, se não nos apercebermos disso com clareza e a tempo, sofreremos importantes desvios nas nossas conclusões e reflexões. Tais desvios, especialmente aqueles que nos são impostos pela vaidade, que acredito seja a emoção mais atuante e perigosa, poderão nos distanciar de um modo irremediável da rota da felicidade, que é o nosso grande e único objetivo.

NOTAS

(1) A HISTORIA DA HUMANIDADE PARECE TER VIDA PRÓPRIA justamente porque não nos apercebemos com clareza deste processo de surgimento de novas aquisições. Quando nos damos conta, parece que as coisas nos atropelam, nos são impingidas de modo estranho e incontrolável. Não creio que mesmo os espíritos mais privilegiados tenham total consciência de suas ações e, principalmente, de todas as suas conseqüências. Me parece improvável que Santos Dumont tivesse refletido sobre todos os desdobramentos da descoberta do avião, e principalmente de seus eventuais aspectos negativos.

Por sermos dotados de um cérebro de dimensões maiores do que o necessário apenas para a resolução de nossas carências mais elementares, dispomos de uma sobra de disposição psíquica, que se exerce sob a forma de curiosidade e de desejo de entender o mundo que nos cerca. Não podemos ficar parados, apenas contemplando; não temos a serenidade dos cães que, ao não serem molestados por nenhuma contrariedade, apenas cochilam gostosamente. Assim, é comum que nos sintamos exasperados quando não temos coisa alguma para fazer; necessitamos de atividade, nos intrigam as dúvidas e tendemos a nos empenhar no sentido de lhes dar respostas. O processo é intenso e autônomo, isto é, não tem pretensão determinada a não ser a de saciar a curiosidade e de ocupar a mente. Acredito que o indivíduo que vive esta situação não esteja sequer interessado nos seus desdobramentos e conseqüências. O cientista, o que cria as novas idéias e as novas coisas, o faz por razões pessoais, de acordo com suas necessidades intra-psíquicas.

A nova aquisição entra depois em uma outra etapa: outro tipo de criatura, portadora de uma inteligência mais concreta e utilitária, tenta lhe dar um sentido comercial; pessoas com uma visão bastante diferente se apropriam das novas idéias agora com a finalidade de transformá-las em algo que possa lhes trazer lucros. Não creio que pensem em nada também, apenas nas suas vantagens pessoais (o que não significa que estejam agindo obrigatoriamente de má fé). Acredito mesmo que tanto o cientista como o que tenta

comercializar a nova idéia estejam tão empolgados com seus interesses pessoais que nem param para pensar sobre eventuais conseqüências negativas relacionadas com a execução de seus projetos.

Uma vez produzida em larga escala a nova aquisição, a fase seguinte é a de fazê-la interessante e atraente para o grande público, ou seja, para todos nós. Para vencer a natural resistência que a maior parte das pessoas tem em relação a tudo o que é novo, usam-se os conhecidos recursos de associar a novidade a algum desejo natural ou já bastante bem sedimentado. Apenas como exemplo, uma motocicleta será veiculada como algo capaz de atrair um grande número de mulheres jovens e belas, anseio natural dos mais fortes, ao menos para a maioria dos homens.

De repente nos damos conta dos perigos e dificuldades que envolvem a nova mercadoria, mas isto acontece quando já muitas pessoas estão familiarizadas com ela e por ela fascinadas. Aí já é tarde demais para que possamos fazer alguma coisa de mais radical. Temos que aprender a conviver, por exemplo, com o fato de que a maior causa da morte de jovens em classes sociais mais altas é devido a acidentes, principalmente com motocicletas. Da mesma forma, temos que conviver com altos teores de poluição, com nossos vícios ligados ao cigarro, bebida alcoólica, e assim por diante.

Não acredito que os fatores de ordem econômica sejam os únicos a determinar um estado de coisas como os que descrevi, coisa que fiz apenas com o intuito de exemplificar como acredito que sejam os processos de surgimento e estabelecimento das inovações, ao menos em muitos casos. No entanto, tenho certeza que é a eles que devemos a total impossibilidade de reversão de processos que se provam muito mais maléficos do que úteis ou prazerosos. Assim, não podemos levar a cabo uma efetiva campanha contra o fumo ou o álcool porque estaríamos esbarrando em interesses econômicos de tal vulto e administrados de tal forma que o bem estar dos seres humanos já de há muito passou a ser encarado como secundário, coisa que prova de modo cabal que a nossa espécie não pode se gabar de ser possuidora de grande bom senso.

(2) **NECESSIDADE E DESEJO** são termos simples, mas que têm que ser entendidos com toda a clareza, pois muitas das confusões que costumamos fazer têm a ver com a má compreensão de suas diferenças essenciais. Ambos se manifestam ao nível da consciência sob a forma de vontades, de querer. A não realização das necessidades leva o organismo à morte, ao passo que a frustração dos desejos determina apenas um estado de irritação ou de tristeza (como regra, pode-se dizer que a raiva é a expressão mais infantil da frustração, ao passo que a tristeza seria uma manifestação de maior docilidade, própria do amadurecimento emocional). É bastante evidente, portanto, que as necessidades são a prioridade; aonde existir fome, frio, doenças, etc. tudo o mais é irrelevante e nem mesmo chega a ser tema de pensamentos - posto que o cérebro se ocupa essencialmente do que está falhando. Não é improvável que nossos antepassados se ocuparam principalmente com a resolução das necessidades de sobrevivência, de modo que a maior parte de suas postulações acerca da vida em sociedade tivessem este intuito.

Os desejos podem surgir espontaneamente do corpo ou ser criados por uma determinada cultura. Desejos de vida em comum, de estabelecer ligações estáveis com uma determinada criatura se manifestam desde os primeiros tempos da vida de todos nós. Da mesma forma, desejos sexuais se manifestam de modo espontâneo desde o início, apenas sofrendo modificações em suas expressões ao longo dos anos. Apenas com o intuito de clarear conceitos e de nos atermos a expressões já consagradas, tenho chamado de instintos aos desejos naturais, aqueles com os quais já nascemos. Nossa espécie, em virtude de sua grande competência intelectual, tem suas manifestações instintivas expressas de modo bastante diferente das outras, onde elas têm um caráter mais fixo, sendo muito mais flexíveis - sujeitas a muitos tipos de expressão - entre nós. Ainda assim, acho que podemos usar o termo instinto para os nossos anseios afetivos e sexuais.

A maior parte dos nossos desejos são criados pela cultura em que vivemos, sob a forma de objetos que nos chamam a atenção e nos interessam. Como regra, os desejos se criam como sofisticação de necessidades de sobre-

vivência do corpo; assim, roupas atraentes e de cores originais são um desejo que se sobrepõe à necessidade que temos de nos abrigar. Comidas sofisticadas e doces agem sobre nós da mesma forma; temos que nos alimentar, mas o chocolate é apenas um desejo e não uma necessidade. Não creio que seja prudente nos descuidarmos desta diferenciação, sob pena de pensarmos que temos mais necessidades reais do que as que são efetivas; se isto acontecer, poderemos nos exasperar e fazer concessões desnecessárias apenas por causa de prazeres que nos ensinaram a sentir e a valorizar.

Da mesma forma que os desejos criados pela estimulação externa em uma dada cultura costumam se sobrepôr a necessidades reais, não creio que seja correto pensar que uma dada conduta humana seja governada apenas por necessidade ou unicamente por desejo. Em certos casos pode ser que as coisas sejam assim, mas nada impede que necessidades se associem aos instintos com o intuito de se encontrar uma solução adequada para ambos os aspectos. Assim, anseios amorosos e sexuais podem ter sido os instintos que, associados à necessidade de se encontrar uma solução adequada para a sobrevivência individual e da espécie, determinaram o surgimento e a perpetuação do casamento e da família durante muitos milênios. Nossa época me parece particularmente fascinante quanto a este ponto de vista porque se desfez esta antiga associação, de modo que novas formas de expressão instintiva podem acontecer.

(3) O DESAMPARO DA CONDIÇÃO HUMANA é algo que merece algumas considerações especiais, apesar de que o tema já foi por mim bastante desenvolvido em trabalhos anteriores ("Em Busca da Felicidade" em 1981 e "Ser Livre" em 1983). Inclusive se fazem necessários alguns comentários a respeito das necessidades psicológicas e até mesmo sobre a oportunidade e a precisão do uso do termo necessidade para tais circunstâncias.

Com efeito, de uma maneira geral não é correto afirmarmos que a resolução dos sofrimentos psíquicos corresponda a uma necessidade efetiva, pois temos capacidade para suportá-lo sem que isto nos leve à morte. No entanto, muitas são as circunstâncias nas quais temos a sensação de que não

seremos capazes de resistir e sucumbiremos. Desta forma, uma dada situação pode ser vivida como vital, como ligada ao domínio da necessidade. E mais, em certas pessoas menos preparadas para suportar a dor psíquica podem surgir quadros depressivos graves e que são capazes de minar as defesas e impedir que as forças vitais ultrapassem o obstáculo, condição capaz de levar o organismo efetivamente à morte. Assim, apesar de dúbio, penso que se possa falar em necessidades psicológicas, ao menos como conceito operacional.

Acredito que a sensação de desamparo é uma parte integrante e muito forte de nossa subjetividade desde o momento em que nascemos. Corresponde a um estado de desespero intensamente associado ao medo e com o qual nos deparamos sempre que nos sentimos desprotegidos e sem referências. A criança nasce completamente sem meios de sobreviver por si, dependendo dos adultos para as questões mais elementares. Não pode deixar de se sentir em pânico e só experimentar algum conforto ao se aconchegar fisicamente da mãe (ou equivalente). Fica estabelecida uma correlação muito forte entre se perceber sozinha e o surgimento da dolorosa sensação de desamparo, de modo que quase sempre nos sentimos mais protegidos quando em companhia de terceiros, o que nem sempre corresponde à realidade dos fatos. Da mesma forma, associamos o período da noite como o que pode nos fazer sentir mais claramente o desespero, como se estivéssemos mais ameaçados do que à luz do dia. Isto talvez porque durante o dia tendemos para nos manter ocupados, distraídos. Além do mais, é possível que nossas maiores experiências de abandono durante a infância tenham ocorrido nestas horas, condição em que os adultos podem não estar por perto e os socorros reclamados pelos gritos tardem mais a chegar.

Não creio que se possa imaginar a nossa maneira racional de viver bem sem que estejamos sujeitos à dor do desamparo, esta sensação extremamente desagradável de nos percebermos perdidos, abandonados a um destino imprevisível e ameaçador. Por outro lado, creio que ao crescermos e nos tornarmos independentes para a resolução por conta própria de nossas necessidades, deveremos nos ater com mais cautela para o fato de termos associado a atenuação desta dor psíquica à idéia de companhia, da presença

de outra pessoa, pois se persistirmos nessa maneira de sentir tenderemos para nos tornar permanentemente dependentes do ponto de vista emocional. Tal dependência poderá nos obrigar a suportar um sem número de contrariedades de terceiros apenas porque não podemos nos imaginar sozinhos nem por um instante.

A sensação dolorosa de desamparo tem um agravante importante na fase adulta da vida, pois teremos que nos deparar com outro tipo de abandono, essencialmente metafísico. Mais ou menos na mesma época em que nos percebemos capazes de nos conduzir por conta própria do ponto de vista prático da vida, nos familiarizamos com o fato de que nós não sabemos exatamente de onde viemos e para onde vamos, ou seja, que fomos "abandonados" também pelos deuses. Se não aderirmos de modo precipitado a alguma das doutrinas existentes a respeito desta questão mais geral, seremos forçados a nos deparar de novo com o desamparo (que se atenua se formos capazes, por exemplo, de aceitar o pensamento religioso tal como ele nos é ensinado); e mais, desta vez de uma maneira inexorável. Do ponto de vista metafísico, é bastante evidente que o aconchego junto a outras pessoas não pode nos resolver a dor, que só poderá se atenuar na medida em que formos corajosos o suficiente para enfrentá-la de modo frontal e direto. Não cabem as soluções infantis relacionadas à idéia de querermos colo cada vez que nos dói alguma coisa. Não acredito nem na eficiência e muito menos na longa vida das soluções existenciais mal fundamentadas, naquelas que não se alicercem no fundo do poço, em solo triste mas firme e estável. Não creio que poderemos chegar a lugar algum se não formos capazes de conhecer todas as peculiaridades de nossa condição e de aceitá-las.

(4) A ÉTICA DO SACRIFÍCIO TAMBÉM BUSCA O PRAZER, apesar de que à primeira vista pareça o contrário. Na minha opinião nada, a não ser os medos, afasta o ser humano do que Freud chamava de "princípio do prazer", ou seja, de buscarmos o que nos parece agradável e tratarmos de evitar tudo o que seja dor e sofrimento. Apesar de tudo, me parece fácil mostrar que este princípio geral também vale para a moral que nos ensinaram e que se

fundamenta na desqualificação dos prazeres imediatos - especialmente os do corpo - em favor da renúncia e do sacrifício. Acontece que isto é pedido em nome de uma recompensa maior, colocada no futuro, e eventualmente após a morte. Em todo o caso, se abre mão de um prazer imediato em nome de outro maior, colocado mais adiante, o que em nada contraria o princípio do prazer, que aqui é proposto apenas de modo mais sofisticado; isto se torna possível graças à capacidade humana de prospecção.

Além do mais, um outro importante ingrediente de prazer está presente nos meandros desta ética que privilegia a dor e o sacrifício: é a vaidade, prazer erótico que a tudo contamina através da grande satisfação que todos nós experimentamos ao nos sentirmos destacados, diferentes e superiores. Assim, um monge que vive recluso em uma cela, completamente despojado de todos os prazeres do corpo, experimenta uma agradável sensação de superioridade, de ser melhor e mais virtuoso do que a maioria dos mortais. Desta forma, não é difícil percebermos a existência de um novo prazer, o prazer da renúncia, que ainda por cima está claramente relacionado com a perspectiva de prazeres maiores e melhores no futuro próximo ou remoto.

Também me parece bastante compreensível que tal tipo de encaminhamento da reflexão acerca da condição humana tenha sido o que prevaleceu no passado e passou a ser mesmo a base das mais importantes e influentes correntes religiosas. O sacrifício imediato em favor de uma segurança maior no futuro era necessário para a sobrevivência da espécie que deveria, por exemplo, poupar alimentos durante certos períodos do ano para poder contar com eles durante o inverno. Assim, nada mais sábio do que colorir de valor a esta atitude, colocando-a como a mais virtuosa e elevada, dando aos seus seguidores a agradável "bênção" de se sentirem envaidecidos por suas forças maiores e mais sofisticadas.

Nas nossas vivências infantis, a idéia da renúncia a algum prazer imediato não surge de modo espontâneo e natural; aparece em função do medo que muitas crianças têm de represálias por parte dos pais, de outros adultos ou mesmo de algumas crianças. Vários são os medos, mas sem dúvida o mais importante é o da perda de certos afetos que são os responsáveis pela

atenuação da dor do desamparo. Assim, diante da ameaça feita pelos pais, a criança poderá entregar um dado brinquedo ao seu irmão que por causa dele chora; inicialmente ficará furioso, irritado e revoltado. Mas será muito elogiado em decorrência de sua atitude e, sem que se aperceba de modo claro, aos poucos passará a se sentir melhor do que o irmão, mais bem amado por seus pais e por outras pessoas, condição na qual este padrão de comportamento tende a ganhar estabilidade e permanecer como a base da conduta. Tanto isto é verdadeiro que a diminuição da importância do pensamento religioso em nada interferiu no comportamento mais propenso para a renúncia das chamadas pessoas generosas, que assim procedem apesar de materialistas convictas. E mais, agem no sentido de renunciar até mesmo a legítimos direitos seus em favor de pessoas muito pouco dignas apenas por causa do prazer que o dar de si e o abrir mão lhes causa. Estas pessoas se sentem diminuídas e humilhadas quando recebem alguma coisa de outra pessoa, de modo que fica evidente que se sentem elevadas e mais dignas quando dão.

Fica difícil, portanto, sustentar com base lógica a moral milenar que nos ensinaram. Porém, apesar disto nos é extremamente difícil abandoná-la, pois imediatamente nos sentimos diminuídos, vulgarizados, como se tivéssemos perdido uma parte essencial de nossa dignidade. Ela está tão fundamente enraizada em nós que sentimos medos generalizados ao nos afastarmos de seus mandamentos. Acredito que este é um dos grandes desafios que a nossa geração terá pela frente, tarefa fascinante mas que não pode ser subestimada.

(5) AFINAL, O QUE É O AMOR? A esta intrigante questão quase sempre as respostas são evasivas. Se louva em verso e prosa as belezas e vicissitudes desta emoção, se fala de sua linguagem muito peculiar e se diz que é algo indefinível e impossível de ser conceituado; é apenas para ser sentido e não para ser estudado. Não só não penso desta maneira como acho fundamental compreendermos melhor esta que tem sido a fonte dos maiores sofrimentos humanos - pois não creio que nada supere a dor da perda amorosa.

Tenho chamado o amor de instinto em virtude de ser um desejo que surge em nós de modo espontâneo, um anseio que não precisa ser criado ou

estimulado. O apego da criança à mãe se dá de modo espontâneo desde os primeiros instantes após o nascimento e parece ser um anseio de continuidade da situação simbiótica recém rompida, dolorosamente truncada para ambas as partes. Porém, o processo amoroso me parece relacionado com o funcionamento da razão desde o início, coisa que não acontece, por exemplo, com as manifestações iniciais da sexualidade (onde a estimulação de certas partes do corpo determina uma simples e irrefletida sensação de prazer). Em outras palavras, o amor tem a ver imediatamente com as necessidades de sobrevivência da criança. O estar junto da mãe é prazer, mas é também necessidade, pois nossa espécie tem como uma de suas características o fato de nascermos totalmente sem condições até mesmo para as funções mais elementares da sobrevivência.

Desta forma, o que chamamos de amor corresponde ao mesmo tempo a um importante prazer - sensação de paz e completude - e também se relaciona com necessidades básicas das crianças, totalmente dependentes para fins práticos. Assim, a idéia de Platão de considerar o amor como um semi-deus teria mais esta faceta: enquanto desejo o amor é um deus e enquanto necessidade seria um mortal. Pelo fato de estar relacionado desde o início com as necessidades de sobrevivência é que acredito na intromissão das funções racionais nos processos sentimentais infantis e mesmo nos adultos. Assim, o amor não tem o caráter de gratuidade que caracteriza a manifestação infantil da sexualidade. É evidente que na vida adulta a sexualidade também é administrada pela razão e com freqüência está a serviço de outros propósitos que não os do simples prazer.

Parece-me extremamente importante registrar algumas das conseqüências imediatas do fato do amor ser vivido permanentemente como desejo e necessidade. A ligação afetiva da criança com a mãe passa a ser a coisa mais importante para ela e com isso a dependência física e emocional se somam e se entrelaçam de uma forma que é muito difícil de se quebrar mesmo nas vivências amorosas adultas (e que por isso mesmo são por demais semelhantes às ligações infantis). Com isso a mãe (ou equivalente) passa a ter um poder total sobre os filhos, permanentemente ameaçados da desgraça

maior que seria o não ser mais amado; neste caso, perderia o prazer da companhia, o referencial diante da vida e também não teria como impedir sua morte física. O temor do desafeto fica associado, em todos nós e quase sempre para toda a vida, ao desastre total, à perda de tudo. Não é à toa, pois, que a maior parte dos adultos gasta quase todo o seu tempo querendo saber o que os outros acham dele, se está sendo agradável, se está satisfazendo as expectativas dos outros. Vivemos a idéia do desafeto não apenas como a perda de um grande prazer, mas como o fim de tudo, a desgraça e a morte. E é evidente que isto só é, de fato, verdadeiro para a situação infantil.

Acredito que seja por este caminho que se explicam também os sonhos românticos adultos, nos quais o encontro amoroso é a solução para todos os males, o fim de todos os problemas (coisa que evidentemente não corresponde à verdade). Associamos o amor não apenas ao prazer da companhia mas à concomitante resolução de todas as nossas necessidades. As coisas se complicam ainda mais porque a maioria das pessoas chamadas de adultas não se desenvolveram no sentido da independência prática, de modo que ainda ficaram dependentes para questões de necessidade, buscando mais isto do que o prazer - me parece indiscutível que a necessidade é prioridade sobre o desejo. Mesmo aquelas que são capazes de se auto-sustentar têm outros tipos de dependência, sendo o mais comum a total incapacidade para ficar sozinhas por períodos de tempo não muito longos.

A coisa vai se complicando cada vez mais, de modo que não é absolutamente surpresa que a maioria das chamadas relações amorosas redundem num grande desastre e em brutais frustrações (tanto maiores quanto mais elevados foram os sonhos a respeito). A mim parece claro, hoje em dia, que as ligações afetivas por prazer só poderão existir para aquelas poucas pessoas que se empenharem com afinco na tarefa da total independência e auto-suficiência, uma vez que a interferência de necessidades de qualquer tipo impõe tumulto e implica obrigatoriamente em esquemas de dominação recíproca.

(6) ALGUNS REPAROS QUANTO AO AMOR "ADULTO" se impõem, pois a experiência me obriga a rever alguns dos conceitos por mim defendidos desde o "Falando de Amor" (publicado em 1976; em nível mais sofisticado tratei do tema no "O Instinto do Amor", de 1979). Considerava como manifestação madura do amor o encontro simbiótico entre pessoas em tudo semelhantes. Esta idéia se opõe ao fato mais comum que é o do encontro "amoroso" se estabelecer entre pessoas essencialmente diferentes (e em muitos aspectos fundamentais opostas). Acreditava, e ainda hoje penso assim, que para haver a possibilidade de união entre pessoas muito parecidas era necessário que elas tivessem resolvido suas questões básicas de auto-estima, ou seja, que fossem capazes de se encantar com alguém como elas. Penso também que entre pessoas afins a busca de resolução de necessidades práticas é quase que inexistente, pois o outro tem os potenciais e as limitações da gente. Assim, nas relações de amor por semelhança predomina o aspecto do prazer na companhia, ao passo que nas ligações por diferença predomina o caráter utilitário da resolução de necessidades.

De fato, o que acaba acontecendo é que nas ligações por semelhança se atinge um nível muito mais profundo de simbiose, justamente porque são poucos os fatores de atrito e tensão, os responsáveis na prática pelo distanciamento em que vivem a maior parte dos casais. Assim, se vive mais junto, se quer cada vez mais a companhia do amado, se deseja cada vez menos outros convívios humanos; os dois se bastam, vivem tudo junto, sentem tudo de modo muito parecido e ficam cada vez mais encantados com suas próprias afinidades e com as gratificações que daí derivam.

Não há como negar o fato de que as ligações por semelhança realizam o sonho romântico de quase todos nós, qual seja o da plena e gratificante fusão, da reconstrução do animal duplo original (o andrógino de Platão), de dois passarem a ser uma única carne. O que também é importante de ser observado é que se estabelece uma brutal dependência emocional, um não poder ficar longe do outro, não se sentir completo se não estiver ao lado do outro. E o que é curioso de se perceber é que tal forma de viver seria perfeitamente possível em termos práticos nos séculos passados onde o estar

junto o tempo todo era quase que inevitável; naquele tempo, porém, as ligações conjugais se estabeleciam apenas com o intuito de se resolverem as necessidades de sobrevivência, de modo que o encontro amoroso era mera casualidade dentro do casamento, ocorrendo com maior frequência nas situações de impossibilidade. Mais curioso ainda é constatar que o mundo contemporâneo que criou as condições para a realização do sonho romântico da fusão perfeita e o encontro da plenitude através dela também gerou as condições para sua rápida superação. Não existe a possibilidade, para o homem e mulher independentes, da simbiose poder persistir como vínculo desejado por muito tempo. Anseios de individualidade crescem mais ou menos rapidamente, até porque a própria fusão bem sucedida modifica a maneira de ser e de pensar daqueles que a viveram, e que através dela se tornam mais seguros de si mesmos e com mais capacidade para assumir atitudes egocêntricas e voltadas para seus interesses pessoais.

Desta forma, não tínhamos meios para saber antecipadamente o que aconteceria depois do "casaram e foram felizes para sempre", uma vez que as histórias reais quase nunca redundavam em união efetiva dos que se amavam muito intensamente. Hoje sabemos que a fusão bem estabelecida determina anseios de novamente nos desgrudarmos, de nos percebermos como unidade e não como a metade do andrógino. Mas isto se faz sem dor e sem mágoas, como se estivéssemos verdadeiramente curados do "mal de amor". E como se da experiência adulta e bem sucedida ficassem cicatrizadas todas as feridas de nossas vivências amorosas infantis.

Penso, hoje, que a fusão plena e gratificante entre duas criaturas semelhantes é uma etapa a mais, talvez a mais difícil e importante, no caminho da maturidade, da plena individuação. Além de difícil (tanto assim que a maior parte das pessoas morre de medo de viver a fusão, escondendo seus medos em simplórios obstáculos externos) é também uma experiência maravilhosa, rica de emoções de todo o tipo, de sorte que quem ousou viver não se arrependeu. Mas não é o fim do caminho, do mesmo modo que o que vemos hoje como sendo a maturidade poderá ser vista no futuro apenas como mais uma etapa para uma posterior evolução.

(7) SEXO E AMOR SÃO AGRADÁVEIS MAS NÃO SÃO A MESMA COISA.

Freud, o grande pioneiro da psicologia como ciência, achou conveniente unificar todos os prazeres num só instinto, ao qual chamou de Instinto de Vida. Acreditava também que existissem forças intrínsecas ao organismo e que caminhavam em oposição ao princípio do prazer, às quais ele agrupou num outro instinto, o de Morte. Ele sempre teve problemas com suas teorias sobre os instintos, chegando à idéia final de que seriam dois e em oposição, coisa muito útil para explicar nossas permanentes dualidades e dúvidas antagônicas.

Apesar da pretensão, me permito discordar destas concepções, uma vez que não considero nossas tendências destrutivas instintivas e nem que um antagonismo definitivo entre forças em oposição seja o destino inexorável de nossa espécie. Quanto à destrutividade, acredito que elas sejam o sub-produto da interferência sobre a razão de processos emocionais, mais precisamente a vaidade e o medo da felicidade, sendo o principal este último. Muitas vezes nos afastamos de rotas boas e construtivas porque o atingimento de objetivos muito desejados podem nos fazer sentir pavor, ameaça de tragédias iminentes, entre elas a de morrermos. Assim, penso que fugimos do prazer por causa do medo que aprendemos a relacionar com ele, o que pode parecer que exista uma tendência em nós para o abismo, para a destrutividade.

Acredito que o sexo e o amor é que são nossos dois instintos, que muitas vezes estão em oposição, mas que seus antagonismos não são em absoluto definitivos e intransponíveis. Alguns dos antagonismos que costumamos vivenciar são assim: desejos exclusivistas do amor se opõem a anseios múltiplos do sexo; desejos de estabilidade e de permanência se opõem ao gosto pela novidade e pela variedade própria do anseio sexual; amor é sedento de paz e serenidade ao passo que o sexo é irrequieto e agitado; e assim por diante. Muitos destes antagonismos derivam de uma má compreensão de que se trata de dois impulsos em separado, de modo a ser muito impróprio pensarmos em formas de resolver suas aspirações autônomas sempre em conjunto. O que pode ser bom para a gratificação sexual plena não precisa necessariamente estar em direta correlação com as aspirações

românticas, apesar de que elementos eróticos e amorosos com freqüência têm sido vividos de modo muito associado. Penso mesmo que os tempos atuais têm nos ajudado muito no sentido de vivermos e de vermos estes dois impulsos com sua clara independência; acho mesmo que a vinculação dramática que a cultura estabeleceu entre sexo e amor - especialmente para as mulheres - tinha objetivos claramente repressivos e limitadores do pleno existir das pessoas.

Não gostaria de ser mal interpretado, pois não estou pregando nada, muito menos que devemos ter uma vida sexual e amorosa dissociadas uma da outra. Apenas acho que são dois impulsos autônomos e que podem ser vivenciados separadamente, coisa que só deverá ser feita por quem assim o desejar. Estamos falando de instintos, e portanto de desejos; e não há sentido em regulamentarmos desejos humanos, ao menos hoje em dia, uma vez que eles não têm nenhum tipo de conseqüência nociva para as pessoas ou para a sociedade. Não se trata de substituir velhos regulamentos por outros mais atualizados. Se trata, ao meu ver, em acabarmos de vez com regulamentos e cada pessoa ser capaz de construir seus próprios modos de pensar e de viver.

(8) A QUESTÃO DO CIÚME me parece de fundamental importância para que a qualidade de vida das pessoas possa ser melhor. São inúmeros aqueles que se atormentam e se amarguram com esta dolorosa emoção, que nós aprendemos a considerar como inerente ao fenômeno amoroso, coisa que eu absolutamente não considero inexorável. Acredito que, além da vaidade, outros componentes da subjetividade servem para engrossar as fileiras desta emoção, dando-lhe estabilidade. É o caso, por exemplo, da inveja. Nosso precário código moral nos autoriza a ter ciúme e considera lamentável qualquer manifestação de inveja. O que acaba por acontecer muito freqüentemente é chamarmos de ciúme a uma manifestação clara de inveja. Quando um homem implica com o modo extravagante de sua mulher se vestir, não creio que esteja só com medo de perdê-la para outro (especialmente se saírem juntos). Na realidade ficará profundamente invejoso do fato de que ela chamará a atenção, atrairá olhares que ele gostaria que se dirigissem em sua

direção. Quando a mulher vai a um chá durante o dia acredito que a inveja também está presente na revolta do marido, que se sente prejudicado em ter que ficar trabalhando enquanto que ela está se divertindo de modo distraído e irresponsável.

O elemento possessivo tão comum nas relações amorosas tais como os observamos habitualmente tem a ver, segundo creio, com dois aspectos. Em primeiro lugar, com o modo pouco maduro (infantil) como costumamos viver as relações amorosas na fase adulta da vida. Continuamos a acreditar e a viver a concepção tradicional do amor e do casamento no qual o sentido da ligação reside em se estar junto todo o tempo disponível, em se viver um para o outro, dividindo todas as alegrias e frustrações. Estabelece-se, assim, uma grande dependência emocional, um precisar da companhia permanente do outro, de tal forma que qualquer tipo de interesse individual é vivido como ameaça ao vínculo e sua estabilidade, coisa que mobiliza imediatamente inseguranças e, como regra, atitudes limitadoras da individualidade do outro. E como se o encantamento amoroso, ao surgir na fase adulta da vida, fizesse reaparecer as dependências infantis que estavam sendo superadas. Assim, o adolescente e o adulto jovem finalmente conseguem uma certa autonomia em relação aos pais e passam a viver mais de acordo com suas próprias convicções e interesses. Estão, como regra, muito felizes com esta independência recém conquistada e que lhes permite um modo de vida muito gostoso. Porém, ao se envolverem sentimentalmente, parece que retomam em relação ao novo vínculo exatamente todas as peculiaridades das dependências infantis que tanto os atormentaram. Quase todo o mundo lembra do seu tempo de juventude com grande saudade, mas nem por isso tratam de fazer com que suas vidas em fases posteriores tenham o mesmo agradável sabor, indiscutivelmente relacionado com a liberdade.

Parece-me provável que este segundo aspecto seja o mais relevante para a questão da possessividade no amor, qual seja o das inseguranças pessoais e o do sentimento de inferioridade que quase todos nós experimentamos. Quanto mais uma pessoa tiver de si uma idéia negativa mais ela temerá o abandono, especialmente o da criatura amada, cuja existência

costuma ser um forte atenuador dos sentimentos depreciativos. Assim, talvez muito do que se chama de dependência emocional tenha a ver com a necessidade de aceitação por parte da pessoa amada no sentido de nos acharmos mais dignos, mais legais. Inversamente, teremos pavor de que ela se afaste, pois isto nos remeterá de volta para o lado das sensações negativas a nosso próprio respeito. Os elogios do amado nos envaidecem (e isto também determina dependência) mas também nos fazem sentir dignos, de bom tamanho. A correlação provavelmente é direta, ou seja, quanto maior for o sentimento de inferioridade, maiores nossas inseguranças de todo o tipo, especialmente amorosas; quanto maior a insegurança, maior será a tendência para tentar limitar e restringir a liberdade do amado (e é assim que o ciúme se manifesta) para que os riscos de perda sejam os menores possíveis. Ou seja, pessoas aparentemente muito seguras e auto-suficientes mas que são profundamente agressivas e ciumentas não enganam a ninguém, pois o ciúme denuncia sempre uma baixa auto-estima. Quanto mais segura de si for uma pessoa mais ela não terá o medo de ser trocada de uma hora para a outra. Isto tanto por saber que terá condições de se suportar nas próprias pernas se tiver que ficar só quanto por não acreditar que a troca seja uma coisa tão fácil e tão provável.

(9) O AMOR ENTRE PESSOAS ESTRUTURALMENTE DIFERENTES não pode ser chamado, com propriedade de amor. Tal tipo de ligação foi vista como a mais razoável por Freud (em "Uma Introdução ao Narcisismo"), isto porque ele considerava que se encantar por pessoas afins era um modo de amar narcísico; acreditava que o encantamento por pessoas diferentes era indício de maturidade. Creio que esta seja uma visão da questão ainda muito impregnada do carácter utilitário que sempre andou junto com o prazer amoroso, isto é, a agradável sensação de bem estar e alegria na companhia de outra pessoa e nada mais. No início do século, casamento por amor era uma novidade, uma transição das ligações de puro interesse, arranjadas pelas famílias; mas penso que o aspecto prático, utilitário e de recíproca ajuda ainda estava fortemente impregnado na maneira de pensar e até mesmo de sentir a

questão afetiva.

Isto se evidencia de modo muito claro neste privilegiar as alianças entre opostos, coisa sem dúvida muito útil para as mazelas do cotidiano concreto. Assim, se uma pessoa é tímida, lhe é muito conveniente a união com outra mais extrovertida e falante, o que poderá atenuar suas dificuldades de adaptação social. Pessoas pouco agressivas poderão se beneficiar da violência do cônjuge, e assim por diante. Mas não se pode deixar de considerar outros aspectos concomitantes das ligações deste tipo, agora de caráter negativo (e que, segundo se pode apreciar na realidade, sobrepujam as eventuais vantagens). O primeiro destes aspectos negativos é a tendência para a acomodação e, portanto, para a perpetuação do modo de ser de cada um. O tímido não precisará se empenhar no sentido de sua evolução pessoal, beneficiado que está pela extroversão do companheiro. Assim, o comum nestas formas de ligação é que as pessoas envolvidas não só não se encaminhem para posturas mais parecidas e intermediárias mas ainda tendam para radicalizar cada vez mais seus padrões de conduta.

A existência do outro e de sua maneira de ser faz com que cada um se estabeleça na sua postura insatisfatória (visto como tal pela própria pessoa, posto que se encantou por um oposto).

O outro aspecto negativo, talvez ainda mais grave, para fins de vida em comum, tem a ver com a inveja. O encantamento amoroso deriva da admiração, isto, é claro, quanto aos objetos afetivos adultos. Quando a admiração recai sobre uma pessoa que é o nosso oposto isto significa que não estamos satisfeitos com nosso modo de ser. E mais, não poderemos deixar de sentir também inveja, emoção vivida como humilhação por não nos percebermos portadores de um dado tipo de valor. Assim, como a inveja também deriva da admiração, ambas as emoções estão fortemente presentes na grande maioria das uniões, sendo que a inveja costuma predominar nas relações entre diferentes. Como sempre, o invejoso (e nestes vínculos tem sempre um que é particularmente possuído por esta emoção) tentará exercer sua desagradável sensação de modo sutil, indireto; implicará permanentemente com eventuais limitações do outro, se irritará com pequenas

falhas, sendo isto apenas o disfarce para o processo mais geral. Na prática, é o mais egoísta e agressivo o que tem mais inveja e também mais ciúme; o mais generoso, em sua condescendência, é cúmplice; se beneficia do outro para resolver certas limitações práticas e também se sente muito envaidecido de ser invejado e de ser tão necessário ao outro.

No final das contas, as pessoas crescem, se casam e sem se dar conta, repetem exatamente os modelos de suas famílias originais. O papel de marido é uma mistura de pai com filho e o de esposa combina certas peculiaridades da mãe e da filha. O homem tem que ser o provedor, o protetor, o que reprime e limita a livre iniciativa da mulher, tal qual um pai; ao mesmo tempo terá que chegar em casa e encontrar sua mulher perfumada esperando por ele, perguntando como foi o seu dia, exatamente como o faz uma criança ao chegar da escola, que antes de tudo quer saber "onde está minha mãe?". A mulher terá que lembrar o homem para não esquecer o agasalho que poderá fazer frio, deverá preparar suas comidas favoritas; porém, a qualquer contratempo - um acidente de trânsito, por exemplo - sua primeira iniciativa será a de ligar para o marido que estará pronto a protegê-la de todos os perigos e adversidades. Não há como continuarmos a viver desta maneira, gastando nossas vidas adultas apenas para repetir padrões cansados e dos quais estávamos loucos para nos livrar quando tínhamos 16 anos de idade.

(10) A INVEJA ENTRE OS SEXOS é, ao meu ver uma das questões essenciais da psicologia humana e tem as mais complexas implicações sociológicas. Tratei do tema de modo exaustivo em "O Homem, a Mulher e o Casamento" (livro de 1982); a peculiaridade do meu modo de pensar em relação ao da Psicanálise é que acredito que o grande e primeiro invejoso seja o homem, sendo a inveja feminina menor e secundária. Freud só detectou a inveja das mulheres, talvez porque ela era mais exuberante do que a dos homens nos tempos passados em que estes estavam com todos os poderes nas mãos.

Quando os meninos chegam à puberdade e começam a sentir fortes anseios de aproximação em relação às moças, percebem que eles não

despertam nelas iguais apetites. Percebem que as moças têm vantagem, podendo escolher a companhia segundo seus interesses. Nenhum menino está equipado para isto, pois sempre aprenderam que sua condição era o do privilegiado, do superior. A perplexidade toma conta do rapaz, de tal forma que a primeira tendência é a de supor que apenas ele não é capaz de chamar a atenção das mulheres; deve haver algo de errado com ele, que é muito baixo, meio gordo, pouco musculoso, narigudo, sem atrativos. Não lhe passa pela cabeça, pois não foi preparado para isto, que o fenômeno seja geral, que se trate de uma peculiaridade da biologia, diga se de passagem idêntica à dos outros mamíferos superiores.

Repito mais uma vez que acredito que a consciência e a adequada compreensão dos fatos pode nos ajudar muito no sentido da superação de nossas mágoas e frustrações; isto só se dá quando as explicações que conseguimos formular sejam efetivas aproximações da verdade, estando em concordância com o que sentimos. Se os rapazes souberem que o fenômeno é geral e inexorável, penso que poderão encontrar novos caminhos para o seu desenvolvimento sexual e emocional, ao invés de apenas colecionarem frustrações e reforçarem seus sentimentos de inferioridade pessoal. Para que possamos digerir mais facilmente determinados fatos precisamos saber exatamente como eles são. A aceitação mais dócil e serena da verdadeira natureza da condição masculina é o subproduto desta digestão, ainda muito rara. Assim, os rapazes que mais se magoam com o que observam se tornam retraídos, envergonhados e tratam de canalizar suas energias no sentido de um dia terem melhores chances no jogo afetivo e tentam se destacar em atividades que eles percebem despertar o interesse das mulheres, quais sejam o sucesso nos esportes, nos estudos, nos negócios, etc. Os mais agressivos e imaturos preferem persistir na proposição infantil de depreciação da figura feminina, que passa apenas a ser vista como uma presa que eles terão que seduzir e dominar com o objetivo de atingir seus propósitos sexuais. Se transformam no conquistador típico, o cara de pau que insiste na abordagem de todas as mulheres e que acaba tendo algum sucesso. E evidente que tudo isto se faz com rancor e desprezo, de tal sorte que a mulher, após a trabalhosa

conquista, é desprezada e agora ela é que terá que correr atrás dele. O jogo é bastante conhecido, sendo que as mulheres o interpretam de modo diferente: os homens só estão a fim de sexo e uma vez atingidos seus objetivos desaparecem; isto provoca nelas mágoa, sensação de terem caído num conto do vigário, uma vez que as "promessas" do homem eram de natureza romântica (coisa que eles aprenderam a fazer, pois facilita o "sim" feminino necessário para seus objetivos sexuais).

Está declarada a guerra entre os sexos, cada um utilizando os seus meios, suas armas. É evidente que deste tipo de início de relacionamento muito pouco de construtivo se pode esperar. As mulheres percebem logo que seu grande trunfo é o poder sensual e tratam de sofisticá-lo o mais que podem; recebem a colaboração dos interesses econômicos, que veiculam produtos capazes de fazê-las ainda mais atraentes. Aprendem que são tratadas com consideração enquanto não dizem o "sim" e tardam o máximo para fazê-lo; no entretanto são muito paparicadas, recebem agrados, flores e presentes. Em poucas palavras, se aprimoram na arte de instrumentalizar seus dotes sensuais, coisa que desperta ainda mais o desejo e a inveja masculina. A reversão destes processos, que a meu ver está em curso nos tempos atuais, poderá trazer incríveis progressos para a efetiva relação cooperativa e de amizade entre homens e mulheres, coisa que jamais existiu.

(11) AMOR E COMPROMISSO é algo que merece algumas reflexões, pois a questão vem sendo retomada nos últimos tempos, depois de experiências de encontros sexuais livres e sem obrigação de continuidade terem sido sentidas como insatisfatórias e frustradoras por um grande número de pessoas, especialmente as mulheres, que foram as maiores defensoras desta tese. Compromisso pode ser entendido como o estabelecimento de uma ligação de amizade, como o se querer saber do destino do outro, do desdobramento de sua vida; ou seja, o desejo de uma certa continuidade de convívio entre pessoas que se encontraram, se conheceram e se gostaram; é evidente que o tipo de convívio estará na dependência das pretensões das pessoas envolvidas. Neste sentido a palavra compromisso está sendo usada apenas para o desejo

de que os encontros não tenham o caráter fortuito e ocasional de uma esquecível noite de sexo. Aliás, a frustração de muitas mulheres quanto a intimidade sexual desprovida de envolvimento emocional deriva, a meu ver, da usual confusão entre sexo e amor. De uma noitada sexual com alguém que mal conhecemos e com quem não pretendemos nada mais do que a troca de carícias não podemos esperar nada a mais do que o fato daquelas horas serem agradáveis e as carícias prazerosas. A sensação de vazio relatada por várias pessoas mostra que estavam esperando outra coisa, mais do que a realidade poderia proporcionar. A decepção deriva de se ter construído falsas esperanças, ou o que chamamos de ilusões.

Depois de se experimentar a desilusão dos encontros fortuitos, o que deriva do mau entendimento das coisas e não do fato de tais encontros serem por si desagradáveis, o que vem acontecendo com um grande número de pessoas é o desejo de se recuperar relações estáveis onde o conceito de compromisso é o tradicional, antigo. Ou seja, na medida em que se frustram em suas pretensões modernas buscam, por falta total de imaginação, voltar aos padrões arcaicos. Mas eu penso que isto é muito ingênuo, pois as coisas não têm volta. Não pode uma mulher querer se divorciar porque anseia a liberdade sexual e depois, por sentir um vazio interior, pretender voltar para o casamento tradicional do qual ela quis sair porque o sentia sufocante e insuportável. Não vai dar certo outra vez.

Está bem, esperou-se demais da liberdade sexual, pois seus prazeres são apenas os imediatos e, de certo modo, repetidos. Mas o que não se pode é promover um retorno romântico tradicional apenas por causa disto, pois isto também já não dá mais certo. Quando existe o encantamento amoroso efetivo surge, de modo espontâneo, o desejo das pessoas ficarem juntas uma grande parte do seu tempo disponível (no início, todo o tempo possível, que ainda assim é sentido como pouco). Mas isto é um desejo e não um compromisso; compromisso é obrigação, são direitos e deveres, coisa que se estabeleceu nos tempos que amor era desejo e também necessidade. Hoje em dia não existe mais a necessidade da vida familiar, de sorte que o amor pode ser vivido apenas como desejo. E desejo não tem nada a ver com compromisso, que tem

suas raízes na necessidade e na vaidade de se perceber que o outro está disposto a alterar todo o seu plano de vida por nossa causa.

Vale a pena repetir que o compromisso "amoroso" tradicional atribuía ao homem a função de protetor da mulher e dos filhos, o que era dado em troca de papaições de todo o tipo e também de reverências a ele, que era o rei do lar. A mulher, em troca da proteção tinha o dever de mimar e valorizar o homem, incensando constantemente sua vaidade. Ora, numa época em que as mulheres conquistaram sua independência, é evidente que elas não precisam mais da proteção masculina, pela qual, diga-se de passagem, sempre pagaram muito caro. As relações amorosas mescladas de compromissos, cuja volta vem sendo pregada na atualidade, têm um substrato ideológico profundamente conservador, estando em clara oposição com os anseios de emancipação da mulher. E quem defende a idéia de amor com compromissos não pode deixar de perceber que isto nunca mais vai existir, pois os homens não estarão de modo algum dispostos a proteger mulheres independentes, pois isto não faz sentido para eles. Se pode dizer que são mais ricas e encantadoras as relações que envolvem intimidade afetiva, que sem isto o sexo é uma brincadeira meio sem graça (ao menos para todo o dia); se pode dizer que o amor determina o desejo de se estar junto, de se conversar sobre tudo, de se querer saber do outro. Mas não se pode mais falar em compromisso.

(12) OS QUE SE AMAM DEVEM ESTAR JUNTOS TODO O TEMPO DISPONÍVEL. Esta é uma das mais arraigadas e fortes associações que temos dentro de nós, de sorte que sempre pensamos que algo vai mal num casal quando cada um dos cônjuges é visto muito freqüentemente desacompanhado em locais destinados ao lazer (e que não sejam certos lazeres masculinos já estabelecidos, qual seja, por exemplo, o jogo de futebol aos domingos). Ainda pensamos que passarmos juntos o tempo disponível é prova de amor, mesmo quando são evidentes os sinais de tédio e aborrecimento bilateral. Ainda pensamos que acompanhar o cônjuge quando não temos a menor vontade ajuda a perpetuar o vínculo; a realidade é exatamente o contrário, pois

passamos a sentir o relacionamento como contendo muito mais coisas desagradáveis e tediosas do que gratificantes; e isto esvazia obrigatoriamente o encantamento amoroso que, diferentemente do que se pensava, não resiste a todo o tipo de provações, especialmente às desnecessárias.

Tal norma se estabeleceu no passado por múltiplas razões, entre as quais talvez a mais importante resida no fato de que não havia nada de especial e atraente para se fazer com o tempo livre. Mas também sempre teve a ver com o ciúme, especialmente masculino, ligado à idéia de que a "ocasião faz o ladrão". Assim, se pensava que era mais seguro que marido e mulher estivessem de olho um sobre o outro, evitando-se com isso possíveis infidelidades (que, apesar de tudo, sempre existiram). A coisa se agravou nos tempos modernos, pois as "ocasiões" são muito maiores e mais freqüentes. Com isto os ciúmes aumentaram, principalmente porque os meios de controle visual do companheiro praticamente não existem mais. Desta forma, se compõe o dilema: os anseios individualistas crescem, mas cresce também o medo de perder o companheiro, exposto agora a maiores oportunidades e tentações: me parece mais que evidente que deveríamos nos conscientizar de que não dispomos de nenhum meio para o controle da vida de nossos cônjuges, do mesmo modo que me parece perda de tempo querermos fiscalizar a vida de nossas filhas adolescentes.

Temos que nos deparar também com o fato de que experimentamos como ofensa à nossa vaidade o desejo do amado de preferir outras companhias ou outras atividades diferentes daquelas que pretendemos ter. Temos que aceitar que não somos a única fonte de gratificações e de interesse para o outro; e temos que compreender que isto não nos rebaixa e nem significa que não exista mais amor, que é como costumamos interpretar estas situações. Temos que nos familiarizar também com o fato de que, em relações que garantam a liberdade individual para o prazer e não só para os deveres penosos - trabalho, doenças em família, etc. -, uma união estável não poderá ser pensada como algo que atenua de vez nossas sensações de desamparo; várias serão as oportunidades que teremos que ficar sozinhos e teremos que nos preparar emocionalmente para isso. Ou seja, o amor não será mais o

remédio para a nossa incompetência de ficar sós, de não suportar a dor do desamparo, chamada em geral de solidão.

(13) A MELHOR FORMA DE DOMINAR AS PAIXÕES É COMPREENDÊ-LAS.

Alguém escreveu algo parecido com isso e eu acho que esta frase contém uma importante verdade. A palavra paixão está sendo usada aqui como uma emoção que se torna mais forte do que a razão. Várias são as emoções que têm este poder, entre elas o amor, o ódio, a inveja, o ciúme e a vaidade. Ao longo destas notas já me referi várias vezes ao ciúme, até mesmo de modo repetitivo, pois penso que é uma das peculiaridades que costuma acompanhar o encantamento amoroso e conduzi¹⁰ a impasses totalmente incompatíveis com a realidade atual. Desta forma, nos colocarmos frontalmente contra a idéia de que se trata de um ingrediente indispensável e inevitável do amor é algo fundamental para quem quer ver o amor sobreviver à modernidade, ainda que devidamente adaptado.

De novo: acredito que quando nos posicionamos corretamente diante de um problema emocional, ganhamos meios muito fortes e novos para enfrentá-lo. Não se trata de uma postura racionalista que tenha por objetivo fazer submergir as emoções para os confins do inconsciente; trata-se, isto sim, de não nos deixarmos escravizar por certas emoções que entrem em oposição às nossas pretensões maiores. A compreensão mais acurada e o posicionamento da razão como a entidade soberana em nossa subjetividade nos permite conviver com emoções vivas e atuantes, mas subordinadas à racionalidade, nossa maior força e fonte de todas as mudanças. Estas não ocorrem imediatamente, como num passe de mágica; o processo é lento e muitas vezes sofrido. Mas as alterações no modo de sentir as coisas é possível, sendo essa essencialmente a meta de todos os processos psicoterapêuticos que se desenvolveram depois da luz irradiada pelo pensamento profundo e inovador de Freud.

(14) O AMOR COMO FATOR DE REPRESSÃO SEXUAL tem suas bases também fundadas no ciúme, emoção que nos tem autorizado alguns dos comportamentos mais autoritários e tirânicos que se pode imaginar, suprimindo do amado até mesmo os direitos humanos mais elementares. Que inseguranças sexuais reforcem a conduta policial repressiva também costuma ser verdade; porém, as belas explicações são totalmente insuficientes e de nada mudam o panorama dos fatos. Precisamos parar com a tendência muito comum de utilizarmos interpretações psicológicas sofisticadas para nos perdoarmos de condutas indevidas. Os traumas da infância e da juventude não podem ser tirados de dentro do baú da memória com o intuito de justificar condutas inadequadas.

Existem manifestações ciumentas de natureza exclusivamente amorosa, quando o objeto da irritação pode ser o filho, o pai ou qualquer pessoa que não seja rival erótico. O desejo de exclusividade amorosa tem a ver essencialmente com a vaidade e também com o modo infantil como nós adultos exercemos a vida amorosa. Temos que nos aperceber de modo mais claro destes fatos, pois senão não conseguiremos os importantes progressos que teremos que fazer para que nossas vivências amorosas possam ser gratificantes e ricas. O caminho não é fácil e é cheio de percalços, mas quem não estiver disposto a isto é melhor se preparar para ficar sozinho.

Os ciúmes de natureza essencialmente sexual têm a ver muito claramente com as inseguranças masculinas a respeito de sua competência efetiva nesta área. Os homens falam grosso, mas na realidade são muito poucos os que se sentem serenos e satisfeitos com suas vivências sexuais. O machismo, criado pelos próprios homens, faz deles a sua maior vítima; isto porque impõe uma brutal exigência de desempenho e de eficiência que quase ninguém é capaz de cumprir. O pavor de se sentir comparado sempre foi um importante fator que levou os homens a preferirem a mulher virgem e a exigir total fidelidade conjugal (além dos desejos razoáveis de garantias acerca da paternidade). A preocupação feminina com sua competência sexual é coisa recente, mas cria para as mulheres o mesmo grave fantasma que sempre perseguiu o homem: o pavor de não agradar, de não ser tão boa quanto as

outras; com isto, mais uma vez, as mulheres, sem se aperceberem, acabam por copiar a pior parte da masculinidade, ganhando novos e desnecessários problemas emocionais, que ainda por cima funcionam como reforçadores do ciúme.

Vai ser necessário muita imaginação e boa vontade para que encontremos soluções para certos antagonismos que existem entre os desejos exclusivistas do amor e os de curiosidade e multiplicidade do sexo. Não creio inclusive que exista apenas uma saída, pois sempre me agrada mais a idéia de que o mundo do futuro será o da multiplicidade e não o dos estereótipos robotizados. Acredito que sempre seremos capazes de aprimorar nossa subjetividade, de sorte a podermos viver as emoções de modo novo. O novo romance, que é a proposta básica deste livro, é apenas um exemplo de saída possível para o impasse, e que consiste em se questionar, de todas as formas possíveis, as peculiaridades possessivas que têm acompanhado o encantamento amoroso ao longo dos séculos. O questionamento se baseia numa observação mais acurada do fenômeno amoroso e na surpreendente constatação de como ele nada mais é do que a repetição de nossas vivências infantis; isto mostra que, ao menos quanto a esta emoção, nosso desenvolvimento pára nos primeiros momentos da vida extra-uterina. O que, de início, é uma constatação chocante, principalmente porque tira todo o charme do amor romântico tal como o temos sonhado, noutra instante pode criar as condições para repensarmos melhor a questão e, de modo isento, perseguirmos soluções mais satisfatórias.

(15) NOSSO PAÍS É MUITO HETEROGÊNEO, de modo que todas as observações a respeito da questão afetiva e conjugal que tenho feito ao longo deste texto só se aplicam a uma pequena camada da população, ou seja, às classes média e alta. Esta pequena minoria vive os tormentos e as alegrias de modo similar à grande maioria da população dos países do primeiro mundo, dos quais, como um todo, estamos nos afastando cada vez mais. Entre nós, a maioria vive apenas a trágica luta pela sobrevivência material, não dispendo sequer dos meios para se alimentar condignamente. E evidente também que

qualquer profissional de psicologia com alguma visão crítica sabe que o seu tema de estudo e reflexão não é a prioridade, e que as questões de saneamento básico e de medicina preventiva estão acima de tudo em importância; sabemos também que para aqueles que conseguiram resolver as suas necessidades básicas, os conflitos amorosos e existenciais de todo o tipo passam imediatamente a ser a prioridade; e mais, esperamos que esteja próximo o tempo no qual todos nós tenhamos que nos deparar prioritariamente com os dramas da subjetividade, que são, por si, um sinal de que resolvemos nossas questões mais essenciais.

Em áreas rurais brasileiras a situação de vida é tão diferente do que estamos descrevendo, de tal sorte que um camponês ao ler este trabalho teria a impressão de que estamos falando de um outro planeta. Para eles o fato de terem filhos é, apenas como exemplo, uma coisa natural e bem-vinda; as crianças mamam até os dois anos de idade, têm que ser sustentadas até os seis e a partir daí já são força de trabalho, ajudando na economia doméstica até que se casam. Ter filhos é, portanto, um bom negócio; algo lucrativo. Sabemos que nas classes sociais às quais nos referimos neste trabalho a reprodução é um péssimo negócio do ponto de vista financeiro, pois investimos fortunas na educação e formação de nossos filhos e isto jamais nos trará algum retorno material e, como regra, muito pouca gratificação humana e afetiva.

Para o camponês o casamento é uma boa - e única solução para que ele possa pretender uma vida sexual regular, para ter alguma companhia no meio do mato em que vive, para ter distração no convívio com os filhos e outros parentes, sendo esta até hoje a sua forma de viver, em tudo aparentada com o que era a vida de todo o mundo até há poucas décadas. Para nós, urbanos e de classe econômica mais alta, tudo isto parece pura história de muito tempo atrás, pois vivemos uma condição completamente diferente. Acho que estas rápidas considerações são suficientes para nos apercebermos de que não cabem apenas pontos de vista pessimistas acerca do progresso técnico, do qual temos sido grandes beneficiários; tudo é faca de dois gumes, de modo que também somos obrigados a pagar os ônus da nova era, qual seja o da

poluição, devastação de flora e fauna, etc. Mas deveríamos nos queixar menos e tratar de tirar todo o partido positivo da nova situação que, de resto, é irreversível.

Assim, um homem solteiro (o mesmo vale para a mulher) que tenha rendimentos equivalentes a mil dólares por mês - e que corresponde a uma situação de classe média boa, mas sem nenhum exagero - pode levar uma vida com todas as facilidades que eu descrevi neste capítulo. Terá uma liberdade individual invejável, acesso a quase tudo o que pretender, dentro da medida do que seja o razoável. O que me parece mais importante ressaltar é que se um homem nestas condições se casar com uma mulher que também trabalhe fora e que ganhe a mesma coisa que ele, ambos viverão do mesmo modo confortável apenas se decidirem não ter filhos. Sim, porque se tiverem dois filhos (o que tem sido o usual), quase todo o dinheiro ganho será gasto para lhes dar as condições materiais usuais, além do inevitável gasto com empregadas para ajudar na sua criação. Além disso, será pouco provável que a mulher possa continuar a ganhar o mesmo que antes, pois tendo dois filhos terá problemas para dar conta de todas as suas obrigações com a mesma eficiência.

A idéia não é a de desestimular o casamento e a reprodução. Mas não acho prudente que continuemos a nos casar com a noção de que tudo será uma maravilha, que quando as pessoas se amam tudo se ajeita porque isto não é verdade. Acho que temos a obrigação de alertar, principalmente os jovens sobre os problemas e dificuldades da vida em comum exatamente para que eles, dispendo de todos os dados, sejam capazes de conduzir as coisas de um modo mais correto e sejam mais capazes de acertar do que nós temos sido.

(16) SOMOS TODOS DIFERENTES, diferentes de nascença. Do mesmo modo que não existem dois rostos iguais (e, se pensarmos direito, isto é surpreendente, pois os seus componentes são poucos), não se pode cogitar de dois cérebros iguais, concluindo do mesmo modo sobre todas as coisas. Creio mesmo que se trata de grande e agradável coincidência encontrarmos pessoas

que pensam de modo similar ao nosso. Mesmo pessoas expostas a experiências de vida similares são diferentes, pois registram os fatos de modo peculiar. A tendência comum em todos nós de acharmos tolos os que não pensam como a gente é de uma grande prepotência, além de profundamente ilógica.

Desta forma, o que se torna chocante é que tenhamos vivido de modo tão similar durante milênios. Isto só pode ter sido possível graças a um efficientíssimo sistema repressivo. Este sistema foi, a meu ver, composto por uma mistura de ingredientes religiosos com ameaças frontais de castigos para condutas desviantes, tudo isso associado a mecanismos psicológicos que estavam francamente relacionados com represálias afetivas. O medo foi o resultado subjetivo de tal massacre, de modo que ficamos perfeitamente condicionados a respeitarmos as regras do jogo impostas sempre por uma pequena minoria que, diga-se de passagem, jamais respeitou as mesmas regras. Não acredito que os sofisticados sistemas de controle por televisão e computadores supostos pelos ficcionistas do nosso futuro tivessem eficácia comparável aos métodos do passado, principalmente se formos capazes de nos imaginar sozinhos, ou seja, se pudermos nos posicionar contra as chantagens sentimentais ligadas ao abandono e às perdas afetivas. Como o mundo moderno tem nos levado a aprender a viver de modo mais egocêntrico e individualista nenhum sistema de controle terá a eficácia dos de antigamente.

Ou seja, não acredito em absoluto que nossa liberdade individual tenha qualquer tendência para a diminuição, para uma maior restrição. Aqui a faca de dois gumes do progresso parece que se volta contra os espíritos autoritários, pois o homem mais completamente individuado não se deixa assustar tão facilmente e terá muito menos medo do que aqueles que só concebiam a vida através de uma boa integração ao grupo social e familiar. Estas observações é que me levam a ficar bastante otimista em relação ao futuro de nossa espécie desde que não aconteça o pior, ou seja, a hecatombe nuclear. Por isso também é que acredito que estamos vivendo as décadas decisivas para sabermos se conseguiremos superar obstáculos que têm nos infelicitado ou se promoveremos a destruição total de uma espécie que não

deu certo. De todo o modo, o mundo da estereotipia da maneira de ser e de viver já passou e não creio que tenha nenhuma chance de retornar. Nunca foi uma coisa natural, foi uma imposição autoritária da qual nos livramos em virtude de nossa própria evolução emocional, toda ela relacionada com nossa maior capacidade de nos percebermos sós, sendo que por isso não estamos mais dispostos a tão grandes concessões em relação a nossas convicções apenas para que nos queiram bem, nos admirem e nos respeitem.

(17) PENSAR DE MODO NOVO É MUITO DIFÍCIL, pois fomos formados para respeitar estereótipos e repetirmos como papagaios as coisas que nos ensinaram (e se não tomarmos enorme cuidado faremos exatamente o mesmo com nossos filhos). Porém, a superação dos obstáculos criados pelos tempos modernos no que diz respeito às questões do amor exige um esforço no sentido de sermos capazes de criar novos conceitos e, em decorrência, novos modos de vida. Caso contrário, repetiremos as experiências desastrosas e terminaremos cínicos e ressentidos diante das coisas do amor, dizendo apenas que ele não existe, que é sonho para iludir as meninas e nada mais.

Já disse anteriormente que o instinto do amor cuja manifestação essencial é o enorme prazer e sensação de paz que experimentamos no convívio de alguém que, por admirarmos, representa a nossa expectativa de companheiro - se torna um fenômeno confuso desde os primórdios da nossa vida porque sua manifestação prazerosa está em franca associação com a dependência da criança em relação à mãe, o que vale dizer que prazer e necessidade estão desde o início associados de um modo quase que irremediável. Registre também que esta tendência para uma certa confusão acerca das propriedades do amor tem a ver com o fato das ligações afetivas adultas repetirem esta peculiaridade de associação de prazer e necessidade; isto ocorre em virtude das pessoas estabelecerem novas ligações afetivas antes de terem completado seus processos de individuação, de tal sorte que as relações adultas são em tudo assemelhadas aos vínculos infantis.

Na medida em que os jovens se libertam um pouco de suas famílias,

imediatamente providenciam novos envolvimento afetivos, sendo que muitas vezes são estas ligações novas as que dão "força" para a ruptura das dependências familiares. E evidente que as "novas ligações" só se distinguirão das primeiras pela mudança de parceiro. Tendem imediatamente para a associação do prazer na companhia com a resolução das necessidades atuais, que podem ser diferentes das necessidades infantis apenas em aparência (ao menos no que diz respeito aos aspectos emocionais). Se tal tipo de ligação amorosa se transformar em casamento, teremos uma nova família que apenas reproduz as peculiaridades das originais, sendo claro que marido será uma mistura de pai com filho e esposa uma associação de mãe com filha.

Se pensarmos que o casamento implicava até há pouco tempo no surgimento de novas necessidades (de sustento, de cuidados com os filhos, etc.), vemos de novo criada a associação de amor com necessidades práticas, sendo que a maior parte das regras de convívio passam a ter a ver com a resolução delas, que são prioritárias. Assim, o encantamento amoroso e seu caráter revolucionário costuma desembocar exatamente na mesma coisa à qual originariamente se opôs. A surpresa, a perplexidade e a tristeza tomam conta dos cônjuges alguns anos depois, e com razão. Jamais teriam se metido numa situação destas se soubessem onde iam parar; e ninguém os alertou para isto, nem mesmo seus pais que em geral muito se arrependem do que fizeram de suas vidas, mas que mesmo assim continuam a estimular os seus filhos para o mesmo desastroso caminho.

A mim aparece como evidente que tal ciclo se estabelece porque as pessoas enveredam para as aventuras amorosas adultas sem antes completarem seus ciclos de individuação, condição na qual não podem esperar outra coisa senão a repetição de tudo o que está mal resolvido. Creio que uma providência adequada e prudente seria a de sugerirmos aos jovens que não tenham pressa de se casar, que esperem o tempo suficiente para que a individualidade se componha, condição fundamental para que possam criar novos modos de vida em comum, para que não entrem no casamento como forma de resolver suas incompetências para ficarem sozinhas; enfim, para que não vejam o casamento e o amor como remédio para seus males.

Apenas necessidades que forem capazes de resolver suas necessidades práticas e emocionais por conta própria é que poderão viver o amor como puro desejo. Se isto é impossível para o amor infantil (onde a dependência em relação a mãe é inevitável), me parece perfeitamente exequível para adultos competentes. Ainda assim, seremos forçados a pensar sobre o casamento de um modo não preconceituoso e novo, deixando de lado todos os regulamentos que foram construídos para aqueles que não tinham os requisitos da auto-suficiência. A hora é propícia para exercermos nossa criatividade, para que finalmente possamos separar prazer de necessidade e, através disso, podermos falar pela primeira vez em amor adulto. Mas o que me parece fundamental reafirmar é que isto só será possível para aqueles que perceberem que existe um trabalho difícil e exaustivo que terá que anteceder ao estabelecimento da aliança amorosa; quem pretender viver o novo romance terá que investir muito em seu aprimoramento pessoal, em aprender a conviver com todas as suas limitações e se dispor a superá-las de verdade. Não adianta continuarmos a acreditar que as coisas são fáceis e que tudo se resolverá com o casamento. Ao contrário, tudo terá que ser resolvido antes, justamente para que o casamento possa ser gratificante e não o amontoado de obrigações e contrariedades que tem sido.

(18) SÓ SE PERDEM OS MEDOS AO ENFRENTÁ-LOS. Mesmo que uma pessoa reconheça em si medos absurdos e totalmente ilógicos, sua simples constatação não é capaz de alterar em nada esta forte associação, à qual chamamos de reflexos condicionados. Assim, posso considerar infundado o meu medo de andar de avião, compreender suas origens em função de minha história particular de vida, perceber algum eventual significado simbólico a ele associado posteriormente, mas o medo continuará presente e atuante. Todo este processo compreensivo poderá eventualmente me dar força para me empenhar mais seriamente na tarefa de superar a limitação que o medo de andar de avião representa para a prática da vida contemporânea. Ou seja, os processos racionais poderão criar em mim uma determinação de enfrentar o medo, determinação esta que chamamos de coragem.

Desta forma, depois de estar convicto de que um determinado medo é ilógico surge em mim uma vontade de me livrar dele, que continua presente apesar de toda a reflexão que eventualmente tenha havido. A coragem nasce da razão e me fará, no exemplo da fobia de avião, finalmente disposto para a experiência: em pânico, trêmulo, esfíncteres soltos, suando desmesuradamente, com taquicardia e respiração ofegante eu terei que entrar dentro do avião e esperar para ver o que acontecerá. Não existe a menor chance de primeiro me livrar do medo para depois enfrentar a situação; desta forma, sempre estarei com muito medo na hora e não há problema algum para que se passe por esta situação de stress (desde que estejamos com o coração em boas condições).

Eu só andarei de avião com certa serenidade depois de algumas repetições do enfrentar a situação apesar do medo, que tende a ir diminuindo ao longo do tempo de convívio com a situação fóbica. Assim se procede para a superação de qualquer tipo de medo irracional, que só pode ser resolvido através de experiências de se expor ao que determina o pavor e se perceber que não só se é capaz de suportá-lo mas que com isso ele tende a desaparecer.

O que vale para o tratamento das fobias simples (de avião, barata, altura, elevador, etc.) vale também para nossas pretensões de nos livrarmos dos condicionamentos culturais que, segundo creio, em nada divergem delas (a não ser pelo aparato discursivo de caráter aparentemente lógico ou religioso). Aqui o grande pavor é o das represálias sociais e perda dos afetos, coisa que na prática aparece sob a forma de um medo mais difuso, menos localizado. As pessoas que ousam se arriscar percebem muito rapidamente que a maior parte dos seus temores são tão infundados quanto o medo de baratas. Se existem algumas represálias efetivas (na vida adulta com frequência relacionadas com posição econômica ou rejeição por parte de algumas pessoas), mais que depressa percebemos que o preço que estamos pagando é baixo por comparação com a sensação de alegria e bem estar que a liberdade pode nos causar.

(19) EGOCENTRISMO NÃO E EGOÍSMO. É muito importante que se faça esta distinção de modo claro, uma vez que a grande maioria das pessoas mais generosas têm pavor de tudo aquilo que seja egoísmo, que é visto como coisa imoral e vulgar (não sem razão), além de claro indício de incompetência e de fraqueza pessoal. Inversamente, os generosos se percebem como mais fortes, como portadores de uma sobra de energias que podem ser dispendidas através da doação, coisa que usualmente se dirige exatamente para os egoístas. Pessoas mais generosas não gostam de receber justamente porque se sentem humilhadas e diminuídas, de modo que o generoso só pode exercer sua forma de ser ao se aproximar de egoístas, sempre dispostos a tirar vantagens, mesmo que pagando o preço da humilhação, já que sua fraqueza é muito grande e suas necessidades não podem ser resolvidas individualmente.

E importante percebermos a dependência que o generoso tem do egoísta, já que o inverso é evidente. Ao se sentir mais forte e capaz de dar de si o generoso sente um importante reforço para sua auto-estima, coisa que deve ser vital em função de sentimentos de inferioridade também muito intensos por outras causas (variadas e que não cabe aqui descrever; a respeito, vide "Em Busca da Felicidade"). Ou seja, o generoso precisa exercer sua capacidade de dar, pois em caso contrário se sente mal, triste, depreciado. Com isto, tem tão pouca capacidade para ficar sozinho quanto o egoísta, pois além de não saber fazer as coisas para si mesmo se sente deprimido se não tiver alguém a quem se dedicar. Talvez por isso o generoso, que tão drasticamente é contra o egoísmo, é ao mesmo tempo o seu maior reforçador. E minha crença é de que o egoísmo só desaparecerá se os generosos deixarem de existir; com isto, cada pessoa terá que se bastar e não poderá contar com as incompletudes da outra para resolver as suas próprias limitações.

Se for correta esta forma de pensar, a generosidade corresponde a uma arbitrariedade moral igual - só que invertida - ao egoísmo, não cabendo portanto tanta louvação a seu respeito. A pessoa egocêntrica é aquela que cuida de si e que se basta. Não quer nada de ninguém, ao menos no que diz respeito à resolução de suas necessidades, pois isto a humilharia e a faria sentir fraca e incompetente. Por outro lado, não precisa dar de si para se

envaidecer ou se sentir útil; poderá dar e receber desde que isto lhe pareça razoável e adequado mas não como um imperativo para o equilíbrio emocional ou prático.

Além do mais assumirmos que nos ocupamos prioritariamente conosco mesmo é apenas pararmos com atitudes hipócritas antigas. Isto sempre foi verdadeiro até mesmo para o maior dos altruístas, que está agindo de acordo com suas aspirações religiosas ou então conforme suas necessidades psicológicas; em uma frase, está agindo em causa própria, buscando um sentido e um significado para sua existência. Admitirmos nossa postura egocêntrica e atribuir a ela dignidade aparece para mim como mais um importante passo que podemos dar no sentido de termos um convívio mais sincero e realista conosco mesmo. Acho que já é hora de deixarmos de nos guiar por rótulos e belas palavras, principalmente aquelas que são mentirosas.

(20) SER LIVRE não pode ser apenas uma expressão demagógica ou uma aspiração própria dos sonhos de nossa juventude. Ser livre também não pode ser preencher um determinado modelo de comportamento tido como emancipado em um determinado momento da vida social. Ser livre significa poder pensar sem preconceitos sobre todas as questões, e em particular sobre nossa própria existência, nossos sentimentos e nossos planos. Não deixa de ser curioso o fato da maioria das pessoas censurarem até mesmo seus pensamentos (coisa que, ao meu ver é a causa da existência do inconsciente, uma espécie de depósito de verdades que não gostamos de admitir; desta forma, não creio que o inconsciente terá sempre que existir). Desejar a morte da mãe ou do pai, se estes forem tiranos efetivos, é coisa que muito poucos ousam pensar sem se sentirem imediatamente embaraçados.

O homem livre pensa sem medo de estar cometendo crimes ou heresias, pois sabe que tudo o que lhe ocorrer é próprio de sua condição, fruto de sua inteligência e reflexão. As limitações estão relacionadas apenas com a ação, onde a função mediadora da razão e do sentido moral podem impor limites (reflexão moral aqui significa atribuir aos outros iguais direitos que a si mesmo, e apenas isto). Desta forma, a liberdade de pensar não implica em

liberdade de executar tudo o que se tem vontade; se pode desejar a morte de, uma pessoa cuja maneira de ser nos prejudique, o que não significa que temos o direito de matá-la. O homem livre não é escravo de suas vontades, coisa própria das crianças e dos adultos imaturos, incapazes de lidar com frustrações. Ele é governado por sua razão, que leva em conta e respeita seus sentimentos e desejos mas também observa a realidade externa e estabelece os limites para os seus direitos, além de lhe impor deveres efetivos.

O objetivo é, tanto quanto possível, que se viva e se atue de uma forma coerente com aquilo que se pensa; acredito mesmo que a coerência entre pensamento e conduta seja a peculiaridade mais evidente do ser livre (vide o meu livro a respeito do tema, publicado em 1983). Mais uma vez é necessário repetir que o que se pensa não é sinônimo do que se sente; as emoções são um dos ingredientes que alimentam a razão e nossa reflexão; se somam às considerações de ordem moral e a uma precisa avaliação das peculiaridades externas objetivas. Temos que ser livres para sentir tudo, mas nossos pensamentos e ações não podem refletir apenas as nossas emoções, pois isto seria uma postura muito simplista e incompatível com qualquer tipo de vida em comum.

Ser livre é a aspiração da maioria das pessoas; porém, na prática, são poucas as criaturas que podem se considerar vivendo desta maneira. E isto significa que devem existir obstáculos difíceis de serem transpostos para o atingimento deste estado. De fato, já afirmei várias vezes ao longo deste texto que fomos todos amestrados, que fomos formados para obedecer aos mandamentos de nossos pais e de nossa coletividade, sob pena de termos que arcar com a punição que nos é a mais difícil, qual seja a do desafeto, da rejeição e eventual marginalização. E mais, fomos criados no sentido de sermos dependentes, de sermos incapazes de ficar sós (as famílias estranham e se preocupam se um filho gosta de ficar longas horas no seu quarto a sós, pois não acham isto "bom" ou "normal"). Incompetentes para o ficar só - coisa que também é difícil porque nos faz sentir o desamparo próprio de nossa condição - não podemos deixar de nos submeter aos gostos e anseios de nossos educadores, mesmo que nossas convicções pessoais sejam claras,

definidas e diferentes das deles. Em uma frase, para podermos buscar a coerência entre pensamento e conduta teremos que nos desenvolver o suficiente para que tenhamos a coragem de enfrentarmos os perigos do desafeto, que na maior parte das vezes é ameaça que não será cumprida. Mas só sabemos disto depois, isto é, quando estamos efetivamente preparados para qualquer tipo de represália. Nada vale mais do que a alegria de se sentir livre e dono do próprio destino.

Porém o que me parece mais grave é que não existirá nenhum futuro para a vida social e política enquanto pensarmos desta forma autoritária e prepotente. Não se poderá se quer pensar em democracia efetiva enquanto todos quisermos fazer prevalecer nossas convicções, ainda que acreditemos piamente nelas (pois isto não nos dá nenhuma garantia de que nossas idéias estejam certas ou sejam as mais adequadas para um determinado momento da vida coletiva). Se uma pessoa possui este espírito autoritário, mesmo que defenda as ideologias mais liberais, na prática se tornará um tirano; isto porque prevalecerá o seu caráter e não as suas idéias. Estas pessoas se sentem traídas e desconsideradas quando alguém não concorda com elas, de modo que isto sempre lhe provocará cólera e revolta. O verdadeiro liberal procede de modo compreensivo e tolerante também nas suas relações mais íntimas, de modo que me parece muito duvidoso o indivíduo que se considere democrata e liberal e que ao mesmo tempo seja um marido ciumento e um pai castrador. Tais contradições são, ao meu ver bastante denunciadoras do verdadeiro espírito que governa a pessoa.

(21) O RESPEITO HUMANO é o que eu mais gostaria de ver acontecer na prática das relações interpessoais e também na organização da vida social. Se todo o mundo tem um sonho, este é o meu; infelizmente não sei se viverei para vê-lo realizado. Quando o respeito prevalecer, jamais ouviremos de nossos pais, ao emitirmos nossas opiniões, frases do tipo "isto é besteira", ditas apenas porque pensamos de uma maneira que não coincide com a deles. Os ateus deixarão de considerar os católicos como burros e retrógrados, e vice-versa. Os comunistas deixarão de ser monstros que matam e comem as

crianças, da mesma forma que os generais deixarão de ser todos tachados de "burros" e "mau caráter". Tudo isto me parece por demais primário, pois se parte sempre do mesmo simples princípio: EU sou a medida de todas as coisas e quem não pensar como eu e não for como eu está errado, agindo ou por burrice ou por má fé. E veja quanta prepotência, justamente no ser humano, que tanto se queixa e sofre de sentimentos de inferioridade!

Se não ocorrerem mudanças significativas neste tipo de procedimento, só poderemos ficar muito pessimistas quanto ao destino das relações humanas em geral. A submissão feminina é um evento definitivamente passado, de modo que daqui para a frente sempre serão duas cabeças diferentes (por mais parecidas que sejam) a pensar sobre todas as coisas. Se não aprendermos a respeitar o modo de refletir e de concluir do outro teremos forçosamente que viver de modo solitário, além de que só poderemos estabelecer ligações extremamente superficiais onde pontos de vista não entrem em questão.

(22) RACIONALIZAÇÃO é uma expressão que se usa comumente como sinônimo de reflexão, de raciocínio. Não é este o sentido da palavra na linguagem psicológica, e penso que vale a pena pensarmos mais um pouco sobre este mal entendido porque pode nos ajudar muito a que conheçamos uma importante faceta de nossa forma de pensar usual. Existem algumas emoções que não gostamos de ter, das quais nos envergonhamos (e isto se deve ao fato de termos sido educados de modo a depreciarmos certas peculiaridades de nossa verdadeira natureza, a fim de nos tornarmos os "bons meninos" que de nós esperavam). Assim, aprendemos que não devemos ter inveja, que não devemos ser vaidosos e, principalmente os homens, não devemos ter medo - o que é o maior dos absurdos, uma vez que fomos educados na base do medo. E evidente que tais proibições não podem ser eficazes e que continuamos a ter dentro de nós todas estas emoções, posto que elas nos são próprias.

O que acaba acontecendo é que trataremos de exercê-las de modo disfarçado, tentando fazer com que as outras pessoas não percebam que estamos submetidos a elas, o que além de tudo costuma significar que

estamos subestimando nossos interlocutores (uma vez que eles também conhecem muito bem estas emoções). Muitas vezes sabemos que estamos sendo envolvidos por estas emoções "indignas", tentamos nos conter e disfarçá-las; outras vezes nem nos damos conta delas, o que não significa que não existam, sendo provável até mesmo que estejamos mais sujeitos a elas quando não nos apercebemos com clareza de sua existência. Neste caso, trataremos de buscar argumentação "lógica" e sofisticada para explicarmos às outras pessoas - e a nós mesmos - as razões de um procedimento que, na verdade, tem origem na inveja, na vaidade ferida e principalmente no medo. Assim, chamamos de racionalização a esta falsa argumentação, através da qual o indivíduo usa sua inteligência com a finalidade de dar conotação lógica a uma conduta eminentemente emocional.

Voltando ao que foi citado na apresentação, situações novas podem despertar muito medo em um grande número de pessoas. Ao invés de assumirem que estão sentindo fortemente esta emoção, podem se posicionar em oposição à novidade, se valendo para isso de argumentos que podem ser muito sofisticados mas que serão falsos, uma vez que é o medo que está efetivamente em ação. Ou seja, o modo de pensar conservador é em muitos aspectos apenas uma defesa de certas pessoas contra a perplexidade e a sensação de desordem que a inovação determina. Isto pode explicar, por exemplo, que os homens tenham sido contrários aos movimentos de emancipação feminina, justamente eles que, vencidos os medos iniciais, são os maiores beneficiários deste processo.

(23) A RESPEITO DO CIÚME, tantas vezes referido no curso deste trabalho em virtude de ser a emoção mais claramente repressora e restritiva da liberdade individual dentro do amor e também por ser a que costumamos aceitar com maior condescendência - errada a meu ver - em nós mesmos e nos outros, cumpre o registro de mais um exemplo. Creio que este dado curioso, aprendido no curso de minha vivência terapêutica, seja mais um ilustrador de que o fenômeno emocional ao qual chamamos de ciúme terá que ser melhor estudado e compreendido. O dado é o seguinte: tanto nos homens

como nas mulheres, as manifestações de ciúme são bastante menos intensas quando o parceiro vivencia ligações amorosas e, principalmente, sexuais de tipo homossexual. Nestas condições costumamos nos deparar com atitudes tolerantes e compreensivas que de forma alguma existiriam se a triangulação fosse a mais usual e tradicional.

E claro que não podemos dar interpretações definitivas a respeito desta constatação; mas penso que, ao menos como ingrediente, é válido supormos que a vaidade de uma mulher - o mesmo vale para o homem - fica menos ofendida se ela for substituída por um homem do que por outra mulher. A situação é de menor rivalidade, não existe um confronto competitivo direto. Penso que isto mostra o quanto a vaidade pode ser importante ingrediente do ciúme. Sim, porque o fenômeno não tem nada a ver com a homossexualidade em si, uma vez que sabemos que as pessoas que optam apenas por este tipo de vivência afetiva e sexual são, como regra, profundamente ciumentas (eu diria que são até mesmo mais ciumentas do que os heterossexuais).

(24) O COMPLEXO DE PRÍNCIPE ENCANTADO foi uma expressão que eu usei, parafraseando o "Complexo de Cinderela" (título do livro de Collete Dowling), com o intuito de descrever a tendência masculina de se apresentar diante das mulheres como uma espécie de herói, cheio de virtudes e de poderes, para assim ser melhor aceito por elas. O fenômeno é bilateral e antigo, pois as mulheres também se habituaram a esperar que os homens aparecessem em suas vidas como aqueles que fossem salvá-las do marasmo, da mediocridade; as "belas adormecidas" despertariam de seus sonhos através do beijo do príncipe, da luz que viria dele; a partir daí gravitariam ao seu redor, paparicando-o e dele recebendo estímulo e proteção.

E evidente que, colocadas as coisas desta forma, a condição feminina se mostra muito mais confortável, pois todo o trabalho, todo o esforço, é masculino. Como toda situação confortável e cômoda, ela é profundamente perigosa, pois a mulher que assim pensar não se desenvolverá como criatura autônoma, ficando cada vez mais nas mãos do seu príncipe, que em breve será percebido como carrasco. Por outro lado, o homem será sobrecarregado

de responsabilidade e perceberá que a maior parte do sacrifício lhe cabe por ser homem e depender da admiração feminina para poder se aproximar sexualmente. E bastante claro que tal arranjo só poderá agravar ainda mais as invejas recíprocas, ficando os homens com certos poderes e as mulheres com outros, cada um usando os seus contra o outro.

Resulta bastante claro, para mim, que os processos atualmente em curso tendem para que se desfaça este acordo milenar em que todo o mundo sai prejudicado. As mulheres, ao se emanciparem, procurarão suas próprias formas de destaque, de sucesso e de realização, liberando os homens da tarefa de sucederem na vida com o intuito de lhes impressionar. Mulheres pessoalmente realizadas procurarão na companhia masculina a graça e o prazer e não mais o trampolim para a realização de suas ambições pessoais frustradas. Deixarão de ter uma atitude oportunista em relação aos homens e passarão a vê-los, pela primeira vez, como amigos. Não terão mais necessidade de instrumentalizar sua sexualidade, coisa que se dá porque não são independentes, e poderão viver este impulso de um modo livre e gratificante.

Acredito também que estas alterações na postura feminina - que já estão em curso - determinarão importantes alterações na conduta masculina, todas elas derivadas de uma melhora de sua condição e conseqüente diminuição da inveja das mulheres. De repente deixará de ser tão onerosa a condição masculina; não serão necessários tantos esforços para se ter acesso às mulheres, isto não custará mais trabalho e dinheiro (que poderá eventualmente ser buscado mas por causa de ambições pessoais). E será só neste clima que o desentendimento milenar entre os sexos poderá se desfazer, condição indispensável para que o novo romance possa deixar de ser uma boa idéia e se tornar realidade.

FIM

www.flaviogikovate.com.br